

CONTRATO Nº 3956/91
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



Biblioteca/CLDF

DF
LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III

Nº 29/30

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL



Graciliano Ramos e Rosário Fusco

**A ESCRITA DA
ANGÚSTIA**

Rosário Fusco ©

© 1987

Trabalho Gratificante

Pão-duro

Boa notícia: a Câmara conseguiu economizar cerca de R\$ 800 mil, em 20 meses, com a proposta de José Edmar (PSDB) de imprimir o Diário Oficial na própria gráfica da Casa. Antes, a publicação oficial consumia aproximadamente R\$ 40 mil por mês. O dinheiro economizado é suficiente para pagar o salário de todos os 24 parlamentares durante seis meses.

*Jornal de Brasília
Coluna "Plano Geral"
3/12/96*

Ao término da nossa gestão de dois anos à frente da Vice-Presidência da Câmara Legislativa, nos sentimos no dever de registrar o quanto é gratificante constatar que, neste período, conseguimos, com o apoio dos servidores, implementar projetos significativos nos setores de Editoração e Produção Gráfica da Casa. Exemplo patente: a nossa revista *DF Letras*.

O que era um simples jornalzinho passou ao formato de revista com inquestionável qualidade gráfica e editorial, como atestam as centenas de cartas que recebemos mensalmente. Aumentamos a tiragem de 800 para 5.000 exemplares, o que permitiu distribuir o *DF Letras* para toda a rede escolar de Brasília, tanto a pública quanto a particular.

Devido à repercussão da revista, criamos o *DF Letrinhas*, para atingir especificamente o público infanto-juvenil. Paralelamente, imbuídos do desejo de despertar a consciência da importância da cidadania em cada leitor, editamos o encarte especial *DF Leis*, resumo de todos os projetos apresentados e aprovados pelos 24 deputados distritais. As leis, publicadas em ordem cronológica, permitem ao cidadão comum conhecer o trabalho realizado pela Câmara Legislativa em suas duas legislaturas, a de 1991, quando foi instalada, e a de hoje.

Todo esse conjunto de serviços, é bom que se diga, foi realizado pelos servidores da Casa, sem nenhum gasto adicional para os cofres da CLDF. Esse mesmo espírito norteou os trabalhos referentes à publicação do *Diário da Câmara Legislativa*, órgão oficial da Câmara, totalmente editado e impresso pela Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica, o que representa uma vultosa economia.

De desafio em desafio, sempre tendo por premissa básica criar mecanismos e alternativas para dinamizar e estimular a cultura em Brasília, o *DF Letras* consolidou outro projeto: ser publicado em braile, atendendo, assim, o pleito feito pelos deficientes visuais do DF. Aprovamos, também, a participação oficial do Sindicato dos Escritores e da Academia Brasiliense de Letras no Conselho Editorial da revista.

Por todos esses resultados é que chegamos, ao final da nossa gestão, com o sentimento do dever cumprido.

Sem dúvida, foi um trabalho gratificante. Obrigado a todos os que nos ajudaram na consecução desses objetivos.

*Deputado José Edmar Cordeiro
(PSDB)*

A Festa das Letras



□ Daise Lisboa

Durante dez dias, Brasília foi tomada pelas letras. Com o tema "Ler para Educar. Educar para Ler", foram realizadas no Pavilhão das Feiras, do Parque da Cidade, a XV Feira do Livro e a III Feira Internacional da Cultura. "Foi uma festa, das letras e das artes", na opinião de Victor Alegria, um dos organizadores.

Foi uma festa, das letras e das artes". É assim que Victor Alegria, presidente da Câmara do Livro do Brasil Central e organizador da XV Feira do Livro e da III Feira Internacional da Cultura e Turismo Cultural, define os dez dias de duração do evento, que movimentou Brasília de 25 de outubro a 3 de novembro.

Livros, música, dança, teatro, artes plásticas e esoterismo estiveram juntos, em total harmonia. E nesse aspecto Victor Alegria complementa: "A cultura é um grande rio que desemboca no livro".

Ler para Educar. Educar para Ler. Esse foi o lema desta Feira, que teve como alvo principal os leitores do futuro, crianças e adolescentes, o maior tesouro da cultura brasileira. Para tanto não faltaram estandes de bibliotecas com salas de

leitura para quem quisesse desfrutar de bons momentos com os livros. Mas nem todas as bibliotecas estiveram presentes ao evento, uma vez que Brasília abriga cerca de mil bibliotecas públicas e escolares em todo o Distrito Federal.

Mas a principal característica desta Feira foi a criatividade posta em prática. "Porque afinal, sem dinheiro, só nos resta isto", garante Alegria. A presença do público brasileiro à Feira foi marcante. "Mas vamos ser realistas", diz Victor Alegria sorrindo. "Perdemos a noção de quantas pessoas passaram pelo Pavilhão de Feiras. Talvez umas 100 mil pessoas. Não posso garantir, uma vez que distribuimos uma grande quantidade de credenciais para órgãos do governo federal e do GDF e assessorias de impre-

sa, assim como convites para autoridades. Isto sem contar que crianças até 12 anos e bibliotecários não pagaram e, no Dia do Servidor Público, todos os funcionários públicos tiveram entrada franca. No dia da abertura da Feira, a entrada também foi franca a todos que lá compareceram.

Agradar a gregos e troianos. Em cada estande uma curiosidade. No estande da Escola Indi-Bíbia, do Lago Norte, foi montado um interessante túnel, onde em cada fase havia uma criança para explicar a evolução das comunicações no mundo. Dos hieróglifos até o sofisticado computador houve um longo caminho a percorrer.

Nos estandes das editoras havia livros para todas as idades. Até para os pequeninos, que não conhecem as letras. Para

estes havia livros em plástico lavável e em tecido. Para os maiores, em fase de alfabetização, brinquedos pedagógicos para auxiliar no primeiro contato com as letras, com a matemática e até com a geografia.

Para o público em geral estiveram à disposição literatura nacional, livros didáticos, enciclopédias, livros de cunho católico e espírita, sebos, discos, material para informática.

Cursos de língua estrangeira através de fitas de vídeo, CD-ROMs e outras formas de aprendizado estiveram à disposição dos visitantes, além da presença de diversos representantes de embaixadas, como a de Portugal, do Japão, da França (principalmente porque foram homenageados na Feira os 400 anos do filósofo René Descartes, o 20º aniversário do falecimento de André Malraux e o centenário de Piaget), da Espanha/Cultura Hispânica e da Alemanha.

Na música, vários artistas também trouxeram sua contribuição, como Nestor Kirjner, o Disque-Serenata, de Goiânia, Lindomar Castilho, também de Goiânia, o Traditional Jazz Band e a Misissipi Jazz Band, com o escritor e baterista Fernando Sabino.

Pelo Pavilhão de Feiras passaram ilustres personalidades como Ziraldo, Paulo Caruzo, o escritor Manoel de Barros, Fernando Sabino e o Governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque. Isto sem contar que, no encerramento da Feira, a Câ-

Os deputados distritais Geraldo Magela e Jorge Cauhy, o Secretário de Cultura Silvio Tandler e o empresário e editor Victor Alegria fizeram a abertura oficial da XV Feira do Livro de Brasília



Câmara Legislativa na Feira do Livro

Os visitantes da XV Feira do Livro de Brasília conheceram todo o processo que faz uma idéia virar lei no Distrito Federal. A Câmara Legislativa instalou na Feira um estande onde os visitantes também puderam consultar, através de um computador, a legislação em vigor. Foi preparado ainda um audiovisual que divulgou todas as atividades dos deputados distritais.

Durante o funcionamento da Feira, que foi aberta oficialmente com a presença do presidente da Câmara Legislativa, deputado Geraldo Magela, os visitan-

tes entraram em contato, por exemplo, com o projeto Cidadão do Futuro, que desde o início do ano leva alunos de 1º e 2º graus a conhecer o trabalho dos deputados e a realizar sessões simuladas no plenário da Câmara Legislativa.

Uma novidade do estande do Legislativo do DF, na XV Feira do Livro, foi a exposição de oito telas do pintor Milton Ribeiro, um pioneiro que retrata Brasília desde a época de sua construção. Os visitantes tiveram a oportunidade de ver cenas que reproduzem com fidelidade o desenvolvimento do Distrito Federal.

mara do Livro do Brasil Central homenageou nomes como Adolpho Bloch (*in memoriam*), tendo sido representado por sua esposa Ana Bentes Bloch, Affonso Heliodoro dos Santos, o escritor goiano Waldomiro

Bariani Ortencio e José Adirson de Vasconcelos.

As artes plásticas também marcaram presença na Feira, com um grande painel de 30 metros, de Toninho de Souza, assim como uma praça dos artistas, onde inúmer-

ros artistas estiveram presentes, pintando ao vivo e em cores, para um concurso do melhor painel. Artistas de renome também deixaram ali seu rasto, com obras que posteriormente serão doadas a escolas públicas do DF. Esculturas e fotografias também fizeram parte desta galeria de artes, onde o fotógrafo Bidu Muniz expôs seus trabalhos de nu feminino e foi mais longe: levou um modelo ao vivo para ser pintado e fotografado.

A Feira terminou, mas deixou a cidade marcada por um evento bonito, colorido e instrutivo, que será lembrado até a próxima Feira do Livro de Brasília, em 1997.





□ **Ramir Curado**

Corumbá vem do tupi e significa "banco de cascalho". Neste local, entre montanhas que lembram as alterosas, surgiu o vilarejo, em 1729, "acoitando" aventureiros oriundos das terras de São Vicente. Protegida dos Caiapós pelos acidentes geográficos à margem esquerda do rio Corumbá, a comunidade cresceu em paz.

A cidade de Corumbá de Ooiás situa-se na encosta de uma colina banhada pelo rio Corumbá, palavra essa da língua tupi que significa banco de cascalho. O povoado surgiu por volta do ano de 1729 devido à descoberta de ouro na Barra do Ribeirão Bagagem e no rio Corumbá, por sertanistas paulistas e portugueses oriundos da expedição de Bartolomeu Bueno da Silva. Esses aventureiros construíram inicialmente os seus ranchos na margem esquerda do Corumbá. Porém, devido aos ataques dos índios Caiapós, eles transferiram suas moradias para a margem oposta do rio, onde sentiam-se protegidos pelos acidentes

geográficos, provavelmente em 1731.

A primeira construção do povoado foi uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Penha de França, tendo os pioneiros edificado as suas casas do lado esquerdo da capela. A proximidade dos grandes garimpos do Chaveiro e do Mandiocal, o cruzamento de estradas que ligavam Goiás ao Sul e ao Nordeste brasileiro e a segurança oferecida pelo local contra novos ataques indígenas fizeram com que o arraial prosperasse durante a expansão da economia aurífera. Surgiram então 98 garimpos nos vales dos rios Corumbá e Verde, cujos mineiros com seus familiares e escravos freqüen-

tavam a capela de N. S. da Penha, principalmente por ocasião das grandes festas religiosas. Em tais épocas o arraial tornava-se o ponto de convergência entre a oferta e a procura de bens por parte dos moradores dessa região.

O crescimento populacional de Corumbá fez com que fosse criado em 1739 um corpo de infantaria no arraial, à frente do qual foi colocado o sertanista Diogo Pires Moreira, que parece ter sido o fundador dessa povoação.

Em 1779 surgiu ao norte do arraial o último grande empreendimento minerador, cujos sócios requereram então 70 dats de terras e águas mi-

nerais. Porém nessa mesma década foram implantadas várias fazendas dedicadas principalmente à agricultura no sul da região corumbaense. Esses imóveis rurais geraram um crescimento populacional em nossa região maior do que o ocorrido no período aurífero. Assim, já no início do século XIX, Corumbá exportava toucinho, fumo e panos de algodão. Em 1818 essas fazendas ocupavam boa parte da zona rural da capela de Corumbá e eram em número de 130, todas com terras cultivadas, nas quais trabalhavam 297 escravos. Alguns desses sítios, como o das Lajes, utilizavam carros de bois desde antes de 1814. Esse imóvel rural era situado no percurso da estrada real, que havia-se tornado a principal via de ligação entre Goiás e Minas e que passava por Corumbá, vindo de Santa Luzia rumo a Meia Ponte.

Quanto ao arraial, ele só recuperou-se da estagnação pós-aurífera no início do Período Imperial. Em 1823 Cunha Matos visitou essa localidade e notou a existência de muitas casas construídas há pouco. Essa reativação sócio-econômica acelerou-se no quinquênio 24/28 a tal ponto que nesse último ano foi implantado no arraial um grande estabelecimento comercial. Essa loja pertencia a João de Campos Curado e situava-se dentro de sua residência, que por sua vez possuía 60 cômodos entre a parte assobradada, a parte térrea e os porões, contando ainda com seis quintais e três currais.

Esse comerciante e seu irmão, Padre Manoel Inocêncio da Costa Campos, tornaram-se os líderes políticos do arraial, sendo responsáveis inclusive pelas realizações sócio-culturais de



Corumbá até os seus falecimentos, quando foram substituídos por seus descendentes em tais atividades.

Em 1833 foi criado o Distrito de Paz de Corumbá, sendo oficializados os seus limites rurais. Sua freguesia, dedicada a N. S. da Penha, foi criada em 1840. Em 1849 o arraial obteve sua emancipação política através de um projeto de lei de João José, que foi aprovado a 2 de julho, com o nº 7 e que separou o seu município do de Meia Ponte e elevou a sua sede municipal à categoria de vila.

Durante sua autonomia foram implantados em Corumbá o serviço de Correios (1852), o termo judiciário, o primeiro cartório e foi edificado o prédio da Câmara e cadeia (1855), além de serviços de saneamento e pavimentação nas ruas principais; porém o crescimento do déficit público fez com que, através da Resolução nº 351, de 1º de agosto de 1863, fosse reanexado o município de Corumbá ao de Meia Ponte, de onde emancipou-se definitivamente a 23 de junho de 1875, através de projeto do depu-

tado João Fleury de Campos Curado, que se transformou na Resolução Provincial nº 529.

Seu primeiro governante foi o Cel. Luís Fleury de Campos Curado, cuja posse ocorreu a 31 de janeiro de 1876. Em 1888 foi restaurado o seu termo judiciário que havia sido suprimido na década de 1860.

No setor econômico, Corumbá possuía, em 1858, 283 propriedades rurais que exportavam açúcar, farinha de trigo, fumo e toucinho, principalmente para a capital goiana, e gado para Minas Gerais e São Paulo. Em 1879, por exemplo, Corumbá exportou 360 mil quilos de açúcar, 200 mil quilos de café e 1.200 cabeças de gado. Algumas de suas fazendas, como a Bagagem, tornaram-se então famosas por sua produção agrícola, sendo que nesse sítio foi edificado um imponente casarão em 1879 e cujo proprietário, César Augusto Gáudie Fleury, elegeu-se deputado provincial em 1889 e vice-presidente do estado de Goiás no Período Republicano; porém a escassez de escravos, a dificuldade de encontrar mão-de-obra, uma vez que as pessoas livres não queriam trabalhar na lavoura, e a precariedade das pontes e estradas ameaçavam o desenvolvimento da agropecuária corumbaense.

No setor industrial, Corumbá produzia então grande quantidade de cobertores de lã, coxonilhos, redes e chapéus, que eram exportados para outras localidades goianas, sendo que, em 1873, existiam em nosso município 1.090 fiandeiras que representavam 16% de sua população total.

No setor terciário, o número de lojas de tecido e artigos finos saltou de 2 em

1855 para 6 em 1889. Esses estabelecimentos, somados aos de médio e pequeno porte, perfaziam 18 casas comerciais na vila no final do Período Imperial. Nas lojas podia-se adquirir não só os produtos locais como também artigos importados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, sendo que as importações corumbaenses equivaliam então à metade de suas exportações.

O número de habitantes do município que, em 1849, era de aproximadamente 4.000 pessoas, chegou em 1890 a 8.127 moradores, num crescimento de 103% em 4 décadas. Quanto à ampliação do número de casas, elas totalizavam 67 em 1823 e 197 em 1873, crescendo em 207% em meio século.

Também houve uma melhoria qualitativa no setor da construção civil, pois enquanto no início do Período Imperial a maioria das casas eram pequenas e todas eram térreas, 50 anos depois já existiam várias edificações de grande porte, inclusive 12 prédios de dois pavimentos.

Esse crescimento econômico e demográfico foi acompanhado de um desenvolvimento sócio-cultural expressivo. Desde 1832 existia um professor particular no arraial e a partir de 1836 passou a funcionar uma escola para crianças do sexo masculino. Em meados do século XIX alguns professores particulares lecionavam itinerantemente em casa dos lavradores e em 1865 as meninas ganharam uma escola.

Surgiu em 1845 a Orquestra de Coro da Igreja Matriz e em 1866 a Banda de Música "União Corumbaense". A partir de 1856 passa a haver apresentações teatrais na vila. A igreja de N. S. da Penha ganhou em 1862 pinturas sacras, e a ca-

pela do novo cemitério foi adornada com pinturas em 1879. Foram criadas as irmandades leigas masculinas de Santo Elesbão em 1845, para negros, e a do Santíssimo Sacramento em 1847, para brancos. A Festa do Divino consolida-se como a principal de Corumbá, atraindo um número cada vez maior de fiéis, sendo que a partir de 1856 as Cavalhadas passam a ser apresentadas vez por outra. Em 1888 é colocado o relógio público na torre da Matriz.

O Período Republicano iniciou-se em Corumbá com um grande desafio às suas lideranças políticas, o de elevar a vila à categoria de cidade; porém, para que isso fosse possível, era necessária a construção de obras públicas para as quais era insuficiente o erário municipal.

Elas consistiam na construção de uma ponte sobre o rio Corumbá na saída da vila para Santa Luzia, sul goiano e Paracatu; e na captação e distribuição de água potável nas ruas de Corumbá. Os vereadores organizaram então subscrições populares para captar recursos, sendo os serviços realizados através do regime de mutirão pelos lavradores do município e pelos artesãos da vila e cujas obras foram inauguradas em abril de 1902. Isso possibilitou ao deputado Antônio Félix Curado, que dirigira os serviços, obter a aprovação do seu projeto, que se transformou na Lei nº 237, de 9 de julho de 1902, que elevou a vila de Corumbá à categoria de cidade. Em 1907, foi instalada a comarca na cidade; porém, devido a problemas políticos, ela foi su-

primida em 1909, sendo definitivamente restaurada em 1929.

Em 1943 a cidade de Corumbá passou a denominar-se Corumbá de Goiás, Nosso município perdeu na década de 1950 os distritos de Abadiânia e Santo Antônio do Olho d'Água e em 1990 o distrito de Cocalzinho, reduzindo sua área em 4.498 km².

Corumbá manteve-se até a década de 1920 como um dos principais produtores de açúcar e café de Goiás, contando então com uma produção média anual de 588 kg de café e 294 kg de açúcar; entretanto, a partir da década de 1930, a produção agrícola do nosso município não mais acompanhou o ritmo do crescimento da economia goiana e em 1939 suas plantações representa-



Ramir Curado (foto) nasceu em Corumbá de Goiás, em 1960. Formado em Economia e História, com especialização em História Social do Brasil Contemporâneo pela Universidade Estadual de Anápolis, Ramir Curado publicou recentemente o livro "Corumbá de Goiás - Estudos Sociais", entre outras obras já lançadas. Publicamos um trecho do prefácio da obra assinado pelo histo-

riador Paulo Bertran: "Este é um livro precioso, daqueles que se lê com prazer. Bem escrito, abundantemente ilustrado, interessante de ler ao largo de seu folheado.

O autor, professor Ramir Curado, é um pesquisador, dos melhores que hoje temos em Goiás. No futuro, se não esmorecer, há de ser reconhecido como um dos principais de seu tempo".

vam tão-só 1,44% da produção de Goiás. Atualmente, Corumbá produz principalmente arroz, cuja produção em 1990 foi de 440 toneladas. Na pecuária, o rebanho bovino corumbaense cresceu em 373% no último meio século, saltando de 22.607 reses em 1940 para 107.019 cabeças em 1990. No setor industrial surgiu em 1962 a primeira fábrica de cimento de Corumbá, que foi também uma das primeiras do Estado, tendo durado apenas 2 anos. Sete anos depois, foi montada uma nova indústria desse ramo, que começou a funcionar em 1971 e que em 79 empregava 410 pessoas e produzia a quantia de 320 mil toneladas de cimento por ano.

Todavia, se essa indústria aumentou bastante, a receita pública de Corumbá, por outro lado, fez surgir junto dela um povoado chamado de Cocalzinho, que em 1989 já possuía mais de 4 mil habitantes e que se emancipou no ano seguinte, levando 75% de seu município. Hoje Corumbá possui na cidade 10 empresas industriais entre micros e pequenas. Corumbá foi o centro comercial abastecedor do norte goiano até a década de 1930, quando perdeu para Anápolis essa função; todavia, durante a 2ª Guerra Mundial, houve um ressurgimento do comércio atacadista na cidade e, durante a construção de Brasília, a passagem das máquinas e materiais por Corumbá ampliou o comércio varejista. Atualmente, a cidade tem 50 estabelecimentos comerciais varejistas.

O asfaltamento das vias de ligação de Corumbá a Anápolis, Brasília e Pirenópolis fez com que surgissem até o momento três hotéis-fazendas no município e um pequeno hotel na



cidade, começando assim a aparelhar-se para o turismo.

O município de Corumbá possuía, em 1890, 8.127 habitantes e um século depois 25.852 pessoas, num crescimento de 218%; entretanto, se em 1920 Corumbá era o 9º município mais populoso de Goiás, nos anos 80 ele decaiu para o 44º lugar. É preciso porém que se leve em consideração os desmembramentos da década de 50. A população urbana por sua vez cresceu em 600% entre 1920 e 1989, subindo o número de habitantes de 727 para 5.091, nesse período, o maior índice de crescimento urbano que ocorreu nos anos 80, quando a população aumentou em 99,3%.

No setor educacional surgiu em 1906 o primeiro curso ginásial e em 1954 a primeira escola normal de Corumbá. No campo artístico-cultural foi fundada a 13 de maio de 1890 a Corporação 13 de Maio, se-

gunda banda de música da cidade, até hoje em funcionamento. Em 1897 é inaugurada a primeira biblioteca pública.

Em 1903, surge o primeiro periódico manuscrito e em 39 o primeiro jornal impresso. O cinema é inaugurado em 1924 e em 29 foi edificado o primeiro prédio para teatro. No setor de comunicações, em 1911, foi implantado o telégrafo. Em 1922 foi aberta a primeira rodovia e em 1943 o primeiro campo de aviação. O telefone foi implantado em 1969 e em 1972 surge a primeira antena pública repetidora de televisão.

No setor de serviços, temos a implantação da energia elétrica em 1924, a inauguração do hospital em 1949 e a implantação da primeira agência bancária em 1975. No campo religioso, tivemos em 1896 a criação da primeira irmandade leiga feminina e em 1962 a chegada da primeira congre-

A pousada da Penha guarda estórias e segredos dos primeiros tempos de Corumbá

gação religiosa feminina na cidade. Tivemos ainda a instalação em 1967 do primeiro templo não católico em Corumbá.

No setor esportivo foram criados em 1922 os primeiros times futebolísticos masculinos e dez anos depois surgiram os times de bola ao cesto femininos.

Atualmente, no setor artístico-cultural, Corumbá possui uma banda de música, a Corporação Musical 13 de Maio, com 101 anos de existência, 41 componentes e cerca de 700 peças musicais, muitas delas dos 13 compositores surgidos entre os seus membros. Ela representou Goiás em um concurso nacional de bandas promovido pelo MEC/FUNARTE, que foi transmitido pela Rede Globo de Televisão para todo o Brasil em

1977. Temos um conjunto de seresteiros e ainda cantores de música popular, religiosa e sertaneja, com discos gravados.

Corumbá possui ainda dois periódicos: "Boletim Cenecista" e "O Progresso", e uma biblioteca pública surgida em 1897, cujos livros antigos estão mal conservados e desorganizados. Existe na cidade uma companhia teatral que se encontra com as suas atividades paralisadas à espera da conclusão da reforma do teatro pela prefeitura. Entre os escritores inéditos temos os jovens Inês de Fátima Curado Santos, Marcos Fernando de Assis e José de Jesus Curado, entre outros, cujas poesias têm sido publicadas em periódicos locais, sendo que o último possui também peças teatrais e contos inéditos.

Entre os escritores com obras publicadas destacamos os poetas Érico Curado, introdutor do simbolismo e do parnasianismo em Goiás, e Benedito Rocha, que possui contos, crônicas e peças teatrais inéditas, e os contistas Bernardo Élis, introdutor do modernismo em Goiás, que tem também romances, novelas, poesias, ensaios históricos e literários, e que é o único goiano a pertencer à Academia Brasileira de Letras até a atualidade; e José J. Veiga, autor também de romances, sendo classificado como escritor pós-modernista e cujas obras foram publicadas em diversos países.

Temos ainda Agnelo Fleury, autor de um livro histórico-genealógico, e Sebastião Veiga, autor de um livro de fábulas infantis.

Apesar das transformações sofridas, a cidade de Corumbá de Goiás ainda cultiva suas festas tradicionais. Em dezembro/janeiro temos as rezas de presépio em algumas casas da cidade e a Folia de Reis no mu-



nicípio. De 11 a 20 de janeiro ocorre a festa de S. Sebastião com seus tradicionais leilões de gado. Em março/abril ocorre a Semana Santa com procissões acompanhadas pelas irmandades, banda de música, imagens sacras e os Cânticos do Perdão, Sete Palavras, Verônica e Réus. No mês de maio, temos as comemorações do mês de Maria com oferecimentos de flores, Cânticos

do Bouquet e Coroação de Nossa Senhora.

Em maio/junho tem lugar a Festa do Divino e Santo Elesbão, que ainda conservam as folias da rua e da roça, essa última com animados pousos onde não falta a dança da catira. Em setembro ocorre a festa de Nossa Senhora da Penha, que é hoje a que atrai o maior número de pessoas a Corumbá e que possui entre os seus

O Salto de Corumbá, bonito pela própria natureza, é o cartão-postal de Corumbá

atrativos a barraquinha da igreja, ponto de encontro da sociedade corumbaense, e as Cavalhadas, que relembram as lutas entre mouros e cristãos na Idade Média em solo espanhol.

Das mais de 200 casas coloniais que existiram em Corumbá restam hoje 48, que, somadas às 5 existentes no município e às 5 antigas coloniais, perfazem 58 imóveis antigos a serem preservados. Entre eles merecem destaque a Igreja Matriz de N. S. da Penha, edificada entre 1774 e 1880, e que precisa de urgentes reparos em seu teto e no arco da capela-mor e cujos retábulos dos altares tiveram sua pintura sacra coberta com tinta a óleo e o piso de madeira foi retirado. Na verdade o que falta a Corumbá é um apoio do governo para a preservação e restauração de suas obras históricas e uma conscientização dos proprietários dos imóveis antigos sobre o valor arquitetônico e histórico de seus prédios, além de recursos técnicos e monetários para preservá-los.

Nossa cidade precisa também reativar alguns grupos folclóricos e tradicionais ligados à Semana Santa e à Festa do Divino e de Santo Elesbão e Santa Efigênia e salvar o seu patrimônio ecológico, principalmente o rio Corumbá, que se tornou receptáculo de esgoto e cujo leito tem sido explorado por diversas dragas.

Somente preservando o patrimônio histórico, as festas folclóricas e os recursos ecológicos, Corumbá poderá transformar-se numa cidade turística e assim aumentar os recursos de seus cofres públicos e o nível de renda de seus moradores.



Meu nome é

PLANALTINA

Entronizando a figura de Planaltina através de uma metáfora que coloca a cidade como uma mulher espectadora de sua própria existência, muito embora desfalcada de seu próprio destino, o professor Xiko Mendes faz um relato sobre a localidade mostrando, em detalhes, que a vida escorre entre os dedos de um tempo que, por não voltar mais, põe em risco o seu futuro.

Conhecer a história de um povo é olhar para o retrovisor do tempo e dizer para si mesmo que a imagem que ali se reflete é a cara, sorridente ou triste, de nossos antepassados, que continuam vivos no rosto de cada um de nós como fantasmas que nos perseguem ou como personagens que dramatizam papéis trágicos ou cômicos neste grande palco que é a vida e serve de cenário para a história humana.

Poderia começar minha história de outra maneira, mas preferi provocar esta reflexão porque entendo que a vida, assim como a história, não se resume numa ficha de identificação de fatos e pessoas. Meu nome é Planaltina. Nasci na terra dos Goiases e Crixás em 19/8/1859. Para muita gente sou uma velhona. Te-

□ Xiko Mendes

nho mais de cem anos! Sou filha do útero da terra conquistada pelos colonizadores portugueses que aqui chegaram, expulsaram os índios, devastaram o cerrado em nome da civilização e construíram este mosaico étnico de cores: brancos, negros, mulatos, cafuzos, etc.

Antes de nascer, fui um feto meio fraquinho que demorou muito para ser gerado e teve parto difícil. Eu, Luziânia, Formosa, Paracatu, Pirenópolis e muitas outras cidades vizinhas de mim, somos todas fruto desse matrimônio forçado que uniu a ambição do homem branco com o seu eterno desejo de enriquecer. Aqui nesta região encontraram ouro. Muitas famílias como Guimarães, Gomes Rabelo e Alarcão se tornaram poderosas criando e vendendo gado. Dizem que comecei a ser

gerada no final do século XVIII, a partir de 1780. Meus pais foram os criadores de gado. Em 1810 fui vítima de uma epidemia, mas não morri. A população, muito religiosa, se apegou a um santo, fui salva da peste e aí me batizaram com o nome de São Sebastião de Mestre d'Armas. Sou, pois, filha bastarda de um velho ferreiro até hoje não identificado. Em 17/7/1834 criei o 3º Distrito de São Sebastião de Mestre d'Armas e passei a fazer parte de Luziânia, que, um ano depois, foi anulado e me anexaram a Formosa.

Depois que nasci como Distrito de Paz de Mestre d'Armas, me transformaram em vila em 19/3/1891. Criaram aqui uma intendência e o Sr. João Quirino foi o primeiro que me administrou. Em 1880 criaram a

paróquia de São Sebastião, e, passados dois anos, me ensinaram a ler. Criaram aulas somente para alunos. Em 2/7/1910 falsificaram minha certidão de batismo. Ganhei nome de macho! Passaram a me chamar de Alta-Mir, isto é, alta miragem, visão do planalto. E em 1917 tirei minha identidade e passei a ser chamada Planaltina, definitivamente.

Sempre corajosa, evitei que a pedra fundamental, lançada pelo Presidente Epitácio Pessoa, acertasse minha cabeça. Fui deixá-la no Morro do Centenário como marco do sonho que um dia seria realidade, a construção da que hoje é a minha madrastra: a Senhora Brasília. Entre 1922 e 1930 fiz muitos projetos habitacionais para incentivar pessoas de todo o Brasil a virem morar comigo. Ganhei meu primeiro jornal: "O Alta-Mir"! Em 1937 me deram de presente a fundação da "Escola Paroquial" (atual Centro de Ensino nº 2). Um ano depois, em 2 de março, me transformei em cidade. Fiquei independente, me tornei sede de uma Comarca da Justiça Goiana em 1947 e muito feliz quando, em 1951, fundaram a Escola Normal Olívia Campos Guimarães.

A partir de 21/4/1960 mudei minha vida. Perdi minha independência. Passei a fazer parte do território do Distrito Federal. Muita gente veio morar na minha casa. Chegaram candangos do Nordeste, do Sul e do Norte. Gente de toda parte que se espalhou pelos meus quartos. Eu, que já era casada e tinha filhos, ganhei outros novos. Uns são ricos, já velhos, outros são ainda muito crianças, pobres. Meu primeiro filho é o Setor Tradicional. Nele moram os descendentes de meus pais, que vieram de Portugal e conquistaram estas terras de minha mãe, indígena, filha do



sol, rainha das águas. Vicentina, Estância e Araponga são minhas filhas. A primeira já velhona. Lá foram morar os primeiros imigrantes candangos. A segunda e a terceira são muito novas. Elas duas são empoeiradas, sofrem muito com a desidratação, ainda não têm telefone, esgoto nem asfalto.

Buritis e Vale do Amanhecer também são meus filhos. No primeiro residem mais imigrantes, os que se enriqueceram, construíram prédios e montaram lojas atacadistas. Buritis sempre gostou de fazer comércio para ser feliz, enquanto o Vale é um filho diferente, preocupado com as coisas do além. Lá moram os espíritas. O Jardim Roriz é um dos meus filhos caçulas, gerados fora do casamento com um político que queria ganhar o meu voto.

Neste aniversário quero que você cante parabéns bem diferente para mim. Sou uma mulher que divide a casa com mais de 100.000 habitantes! Eles são os meus netos que vivem nos bairros que citei. Por isto peço-lhe que faça do meu aniversá-

rio um momento especial para você pressionar o GDF a melhorar as condições de vida e trabalho dos meus filhos. Muitos deles como Estância, Araponga, Setor Sul, etc., vivem infelizes, cheios de problemas. Por que então não colabora para que eles se desenvolvam tanto quanto Buritis, por exemplo?

Esta é a minha história, que não acaba aqui. Sou Planaltina, uma jovem mulher com 137 anos! Amo todos vocês como meus netinhos. Estou sempre de portas abertas, inclusive para visita dos turistas. Em nossa casa temos todo ano Festa do Divino Espírito Santo, Encenação da Paixão e Morte de Cristo (Via Sacra). Nossa cidade é bela, é maravilhosa! Visite nosso museu, onde você poderá ver muito da história que te contei aqui! Visite Águas Emendadas e ajude a preservar nossa natureza; vá ao Morro do Centenário e veja como a gente já sonhava com Brasília muito antes de você nascer!

Adoro ter vocês como habitantes desta grande casa de todos, que é a nossa cidade! Cuido sempre dela com carinho. Sou muito hi-

A catira é uma dança folclórica muito difundida em Goiás. Planaltina tem vários grupos organizados, que fazem apresentações durante a Festa do Divino

giênica, detesto sujeira nas ruas. Quero ser sempre bonita, bem cuidada e amada por vocês! Sou Planaltina, a menina dos teus olhos!

Guarde na memória tudo o que lhes contei hoje, pois no meu próximo aniversário quem vai contar a minha história é você! Saiba que a história humana é como a caixa preta de um avião. Quando você decola do aeroporto, ela registra os segredos da sua viagem. Quando você aterrissa, ela divulga os seus mistérios e decifra os seus enigmas. Diz para o mundo todo se sua viagem foi uma comédia ou uma tragédia. Vocês são os meus personagens! Continuem fazendo a minha história! Até o meu próximo aniversário! Viva Planaltina!!!

Xiko Mendes é prof. da FEDF, historiador, membro da Academia de Letras do Noroeste de Minas (Paracatu).



Daniel Marques
(PMDB)

Nenhum homem consegue tornar-se um verdadeiro cidadão sem a presença desse grande companheiro que é o livro. Existe a máxima que diz que "um país se faz com homens e livros". É uma verdade inquestionável. Todos os esforços de uma nação, de um governo e de uma sociedade para abastecer os cidadãos com livros devem ser incentivados. Desde pequenina, a criança deve ser levada a conhecer o fascinante mundo dos livros, para que a leitura, ao contrário de uma obrigação, seja vista como um grande prazer que, na verdade, é. É dever de todos nós buscarmos os meios que popularizem a leitura em nossa cidade e em nosso país.



Zé Ramalho
(PDT)

O que seria da cultura/história de um país sem os livros para contá-la e ensiná-la? Os livros representam a memória viva de um povo e suas origens. A cultura sem os livros é o mesmo que uma pessoa sem identidade, uma nação sem raízes, uma religião sem base doutrinária. Através dos livros, conhecemos o passado, nos orientamos no presente e nos preparamos para o futuro.



ROSÁRIO FUSCO

Gênio Incompreendido

□ **Ronaldo Cagiano**

Um ser esquisito, mas genial. Rosário Fusco, um dos idealizadores do "Movimento Verde", de Cataguases, para Ronaldo Cagiano ainda não teve o seu lugar reconhecido na literatura brasileira. É preciso lembrá-lo para manter viva sua verve poética.

O pensamento contemporâneo ainda não abriu o verdadeiro e indispensável espaço a Rosário Fusco, à altura da grandeza de sua obra e de sua trajetória como homem e escritor. A crítica literária ainda há de fazer justiça àquele que soube estar à frente de seu tempo sem, contudo, negar-lhe, senão discuti-lo claramente, pois fez do seu ofício uma carpintaria de evidências sócio-psico-filosóficas ao dissecar a condição humana, através de sua densa e tensa bibliografia. A realidade em Rosário Fusco adquiriu uma projeção crítica, que merece uma releitura profunda, além de reedições que possam compensar esse silêncio imperdoável que impuseram à sua escritura.

Ainda estudante, lembro-me bem, contemplava aquela figura absorta, meio canhestra, enigmática e monstruosa (a monstruosidade aqui no seu sentido poético, de grandeza exponencial, tanto física como cultu-



ral), circulando pelas cardíacas e catatônicas vias de Cataguases em seu modesto automóvel, como que rastreando

este sítio de idiossincrasias e heterogeneidades, num torrão de paradoxos e (im)possibilidades que urge às margens túrgidas

Ilustração de Rosário Fusco: "Deus me detesta. Deus me detesta e eu cumpro sua lei." (1972)



Luiz Estevão
(PMDB)

Um grande incentivo para a produção literária e artística em geral está confirmado para às 21h do dia 9/12, na Sala Martins Penna, do Teatro Nacional: a entrega do IV Prêmio Luiz Estevão de Cultura, uma promoção da Fundação Comunidade, presidida pelo deputado Luiz Estevão. Serão distribuídos

R\$ 25 mil para os melhores trabalhos dos artistas do Distrito Federal nas categorias de literatura (prosa e poesia), artes cênicas (teatro e dança), artes plásticas (pintura e escultura), artes visuais (cinema e vídeo) e música (clássica e popular).



Odilon Aires
(PMDB)

O livro é importante para se medir o grau de cultura de um povo. É através do livro que se registra e se guarda a memória de uma nação. No Brasil, infelizmente, o governo não tem dado o apoio necessário para a difusão do livro. Poucas são as pessoas que têm acesso à leitura. No Distrito Federal, a situação é pior, já que as bibliotecas públicas existentes passam por uma crise sem precedentes, sem recursos e sem material humano. Precisamos recriar os programas de leitura, como forma de estimular a integração entre biblioteca e comunidade.

do castigado rio Pomba.

Um ser, para muitos esquisito (aliás a boçalidade ambulante, os néscios de carteirinha, os alienados e empedernidos culturalmente rotulam com menoscabo e pejoração quem foge aos padrões pseudomoraes, puritanos e farisaicos da tradição pequeno-burguesa do interior), e para alguns (como para mim) genial e elevado, desafiava uma época que trazia no bojo de suas tantas inquietações uma insatisfação maior, subjacente, inconsciente e coletiva, que se traduzia na urgência - historicamente reprimida e adiada - de uma ruptura conceitual e social, em busca de valores espirituais e psicológicos mais conseqüentes. Rosário Fusco deambulava com suas idéias, imune à cavilidade provinciana de uma urbe eivada de contradições. Motorista a tiracolo, com seu inseparável vasilhame de uísque (con)vivia, em pleno clima de abstração material, num lugar e entre pessoas, onde não cabia seu sentimento do mundo.

Essa imagem de Rosário Fusco marcou-me os primeiros anos de adolescente escrutinador de sonhos, sobretudo porque guardava impressões formidáveis do vanguardismo, da audácia e ousadia dos componentes da revista **Verde**. Antes mesmo que o agudíssimo J. S. Gradim declinasse, em suas concorridas aulas, sobre o gênio Fusco, eu já compreendia aquele espírito despojado e sua intelectualidade explícita,

mas sem arrogância, característica de certos (e poucos) grandes escritores, como ele. Um homem que preferiu a insularidade nos contrafortes da Granjaria, em detrimento de uma fácil notoriedade em outros centros de maior efervescência cultural, certamente porque ali, seu laboratório de percepção e criação, não estaria infenso às diatribes e refluxos da política editorial do eixo Rio-São Paulo, possibilitando-lhe uma introspecção mais produtiva e, apesar da hostilidade e antagonismo próprios da vida pacata das cidades medianas, ainda assim, teria um contato mais simbiótico com o seu meio.

Um dos signatários do Movimento Verde, Rosário Fusco foi, sem demérito para os demais do grupo, o mais avançado em todos os aspectos, o que pode ser sentido em sua obra, de temática abrangente e tendência existencialista. A sua luminosidade e visão cosmopolita conferem à sua produção um caráter universal, pois transita entre a filosofia, a investigação social e a crítica estética, com a fluência e despojamento de um pensador acurado, cuja obra, sem dúvida, está na mesma dimensão da de Sartre, Camus, Marguerite Yourcenar, Kafka, Clarice Lispector, Guilhermino César, Osman Lins, J. D. Salinger e tantos outros que, como ele, no romance, na ensaística, na poesia ou na crítica, contribuíram para uma compreen-

são da realidade social e da problemática humana, à luz da filosofia e da estética.

Em seus romances, vislumbramos um autor preocupado com um mundo que vai se apartando e perdendo seus referenciais lógicos, identificando na condição humana um certo desvio escatológico e vícios contingenciais de uma aldeia humana transformada em rebanho, cada vez mais eivada de agressividade e condicionamentos acachapantes. Vivendo um auto-exílio no seu próprio meio (morou no exterior, viveu em Nova Friburgo e voltou para Cataguases, aí permanecendo até morrer), Rosário Fusco deu uma dimensão extraordinária às questões humanas, ao tratar em sua obra do grande conflito que caracteriza a existência num mundo eivado de incongruências. Em certo momento, podemos até perceber um certo niilismo e alguma tendência para o realismo fantástico.

Publicou **Poemas Cronológicos** (1928), **Fruta de Conde** (1929), **Amiel** (ensaios, 1940), **Vida Literária** (crítica, 1940), **Política e Letras** (repertório, 1940), **Introdução à Experiência Estética** (ensaio, 1949), **Anel de Saturno** (teatro, 1949), **O Agressor** (romance, 1943) **Carta à Noiva** (romance, 1954), **Auto da Noiva** (farsa, 1961) **Dia do Juízo** (romance, 1962), **O Livro de João** (romance, 1944) deixando inéditos **A.S.A. - Associação dos Solitários Anônimos**, **Vacachuvamor** (romance), **Um**

Jaburu na Torre Eiffel (livro de viagens), **Creme de Pérolas** (poesia), **Erótica Menor** (poesia) e **Diários**. A leitura de sua densa lavratura nos coloca diante de um autor regurgitando os sobresaltos de sua época e as angústias do homem de cotidiano pulverizado, em que sua projeção crítica suscita uma sacudida em nossas consciências tão fragilizadas pelos atavismos de uma modernidade levada ao paroxismo. Sua poesia, embora produção de menor quantidade, carrega também uma subjacente expressão do mundo, captada pelo seu foco inquiridor, sobre um mundo que, já naqueles tempos, vinha dando sinais de exaustão coletiva, perdendo-se em correntes baladas de substancialidade.

Rosário Fusco tem um corolário estético-filosófico que o particulariza. **Introdução à Experiência Estética**, entre outros ensaios do gênero, traz uma reflexão candente e objetiva sobre as perspectivas da arte e sua condição de instrumento permanente de resistência, libelo e afirmação da nacionalidade.

Morto em agosto de 1977, no ano em que Cataguases comemorava seu centenário, e ainda no auge de sua lucidez, articulação e produtividade intelectual, até agora sua obra jaz intocável em nossa cidade, por imperdoável descaso didático, cultural e pedagógico, que não merece contemporização. Não obstante, importante parcela do pensamento e da *intelligentsia*, aqui e até no exterior, sabe contextualizar sua obra, dando-lhe a devida importância. É hora de revisitarmos essa obra monumental,



tanto como reconhecimento ao valor de sua produção como, também, porque, num tempo de proliferação de tantas mediocridades que empestam as estantes das livrarias e do apogeu de uma pouco recomendável "ideologia" da auto-ajuda e do misticismo desenfreado, a sustentar uma subliteratura, que embota, bitola e mumifica, o espírito e a mente humanos precisam ler Rosário Fusco, o que nos fará mais suscetíveis a uma visão dialética de nossas relações, com a vantagem do alto estilo de sua narrativa, um salto qualitativo para quem se detiver nos meandros de sua obra.

Em recente ensaio intitulado **Falta Rosário Fusco na Bibliografia Nacional**, o escritor e ensaísta José Santiago Naud, professor da Universidade de Brasília, faz um preci(o)so rastreamento da obra do escritor cataguasense. Delineando seu perfil de gênio do pensamento filosófico e estético, reafirma o caráter universal de uma obra que não faz concessões a atrelamentos, à venalidade ou a quaisquer outros interesses, sejam políticos ou partidários, sempre numa linearidade e coerência. Por isso mesmo, incompreendido e até estigmatizado, principalmente pelos da terra, pois estes, ávidos por enquadramentos rotineiros e aliciantes, jamais dão azo à ousadia e à independência literária dos que, como Fusco, se deblateram contra os anacronismos, sub-reptícios ou declarados, e se opõem ao encarceramento e à submissão aos valores de uma sociedade intumescida de verdades.

A FALTA QUE FUSCO FAZ



Peniel Pacheco
(PSDB)

A literatura é um dos instrumentos de maior importância para a formação da cultura de um povo, em diversos segmentos, como o religioso, que tem nas letras um dos seus mais fortes pilares. Prova disso é que a Bíblia Sagrada, o primeiro livro a ser impresso após a invenção do prelo, é, indiscutivelmente, o mais traduzido. No todo ou em parte, já atingiu 2.123 idiomas. E, até hoje, continua sendo o livro mais lido em todo o mundo, capaz de romper várias barreiras culturais.



José Edmar Cordeiro
(PSDB)

Aos poucos nossos jovens começam a retomar a cultura do civismo. Pintaram em seus rostos as cores da bandeira, colocaram nas ruas a alegria de amar o país em que vivem. A lei de minha autoria que institui o Momento Cívico nas escolas é mais uma contribuição para resgatar a autoestima e a consciência patriótica de nossa população. Cantar o Hino Nacional nas escolas não pode ser considerado sinônimo de autoritarismo, mas símbolo do renascimento brasileiro, pois as pessoas se olham com mais respeito e orgulho.



□ **José Santiago Naud**

Antes humana que urbana, foi sempre assim minha relação com Cataguases, tal qual ocorre com outras cidades mineiras - por exemplo: Diamantina ou São Tomé das Letras. Se lá não fui, é como se houvesse estado, tanto as concheço ou pulsam em mim entre cabeça e peito, referências circulares do que realmente importa na geografia espantosa deste país.

Cingindo-me a Cataguases, diria que ela me chegou faz muito, via pessoal, antes mesmo de eu ter acertado com a vigência do Modernismo. Adolescente (ou *teenager*, conforme expressão gringa ou os "doidjões" do pedaço), ainda mal ouvira o nome de Mário de Andrade, referido escassamente, mesmo pelos que mais sabiam dele, como "aquele moço escritor de São Paulo" com vagos títulos ou artigos escandalosos. Soube então de Cataguases. Foi numa tertúlia de jovens considerados por um doutri-

nador integralista, Jaime de nome, nordestino arretado do sertão de Ouricuri, autodidata ativo que aprendera lendo à luz do luar. Um pedagogo nato, "causeur" irresistível, encadernador primoroso e artesão autêntico. Era diretor do Instituto Parobé, supimpa liceu de ofícios fronteiro à Faculdade de Medicina porto-alegrense. Lá, Rosário Fusco precedeu a revista e sua própria cidade do interior. Só depois li guei o nome a Cataguases, mediante as luzes do Guilhermino César, mais conhecido via oficial como auxiliar do interventor Ernesto Dorneles. E foi de novo o inquieto Guilhermino quem, nos meus primórdios acadêmicos, viria a esclarecer os quilates do auriverde valor de sua província, confirmado familiarmente em sua casa (uma das primeiras moradias de partido moderno em Porto Alegre, com janelas basculantes, treliça e combogó) na tarja colorida daquela revista mensal

de arte e cultura, que nós podíamos folhear ao resplendor da descoberta e humildade quase religiosa. Quando no pós-guerra, já em companhia de gente consular das França e Alemanhas podíamos libar pelas cervejarias a paz cultural do sentimento artístico, bem além da azáfama burocrática ou das delícias didáticas da Alliance Française ou do Goethe Institut confraternizamos a boemia culta e o orgulho nacional, enrolados no manto protetor das benditas renovações brasileiras. Cataguases aí, como pedra-de-toque, configurava precedências e origem. Sob a chuva do entusiasmo ou das condenações, foi de fato um milagre capaz de conciliar o inconciliável, se ainda vale crer na voz estrangeira firmada em isenção. Pois, à ousadia daquele novo prefeito diamantino pondo de pé a Pampulha, antecipava-se a cidadezinha interiorana e a sua revista jovem, antevisão do sólido proposto na edificação de

certa escola assim de magnífica, municipal, revolucionária, com a soma de um painel do nosso pintor mais universal. Tudo fiel da terra e suas raízes, contra misérias físicas ou morais e a inteligência posta a serviço da empresa em lucros restituídos pelo social. Assim, remotamente no extremo Sul, com Cataguases e a Pampulha vinha passar por nosso gozo o sabor delicioso dos primeiros aplausos europeus. Mais tarde, com a transferência a Brasília onde cheguei como pioneiro, de novo Cataguases. Na aridez e solidão daqueles anos, entre umas poucas dezenas de docentes e poucos centos de alunos, avultou a companhia de uma colega, duplamente: poetisa e professora. Lina Tâmega del Peloso, casada com um dos primeiros arquitetos da Nova Capital, também casava sua ascendência lusa com as luzes do futuro. Dessa força ou deste descortínio arrancava a consciência acesa, palpável no justo valor com que nos distribuía os ouros de sua "Meia-Pataca". Quantas vezes juntos não discorremos sobre uns quantos equívocos da cidade nova e sua gerência inepta, os meios de preveni-los, só agora voz corrente ou estorvo inarredável. O rigor crítico da amiga era flor nativa e o seu cultivo exalava a precisão e beleza exercidas na profissão do marido, fazendo-me lembrar as agudas lições do Quilhermino ou as broncas bráslicas da "Verde". Hoje, quando a Capital padece dos inchaços cancerosos de uma civilização perversa e administrações inseqüentes, agravados pelo imediatismo, macaqueice, ambições corporativas, anticultura e até venalidade da famigerada mídia, outra vez encontro Cataguases na curva do caminho, personalizada no poeta Ronaldo Cagiano, um dos

moços que honram o suceder das gerações e, assim criativamente, vem com outros companheiros contestando ou corrigindo tais situações. Pergunto-me então se não será tal acidez crítica, sempre a confrontar "ases de Cataguases" com a cidadinha, na expressão do Mário, pergunto-me se não será esta bendita acidez o mel que resgata uma pátria devoluta. E ante a perspectiva penso exatamente no Rosário Fusco, diletíssimo, um raio e um clarão rasgando a minha ignorância dos verdes anos.

Grande crítico, escritor maior, perduram seus textos o contexto de uma fatal referência, vívida e viva. Não tenho mais entre os meus livros a obra preciosa, pois num ataque de generosidade foi-se com outros títulos da primeira hora modernista para uma biblioteca pública do interior gaúcho, e nunca mais pude saber se ainda lá se encontram. Entretanto permaneceu a memória dos seus juízos, sua força, a claridade candente de quanto escrevia, e devo certificar que a sua linguagem foi para mim a prova dinâmica do português brasileiro. Chego a crer que as suas convicções integralistas tenham vindo a prejudicar a isenção com que deveria ser lido e, só agora me informam, as peculiaridades ou dramas que abateram sua vida continuam tropeços ao critério exato que deve presidir o exame da sua verdadeira dimensão, superior ao mero enquadramento. Francamente, nada justifica o preconceito nem a patrulha política lindeira à mesquinhhez. Por quanto guardei do tanto que alcancei ler dele, continuará como guia a inteligência assombrosa de todo o seu desassombro, a informação multifária - artes na Arte. Amplo cultor do espírito, ele sempre arrancou do particular ao geral. Neles baseou o universal, como resgate da autonomia idiomática, em língua desenvol-

ta ao jeito novo de dizer o que o tempo não murcha. Com outro ensaísta, igualmente esquecido - Almir de Andrade, será um dos mestres modernos indiscutíveis de nossa identidade. Incomparável, na capacidade com que abriu as cancelas do país, esses entraves da pátria madrasta muito amada e bem criticada. Mais um traço taxante é a empatia de estilo, densidades fluindo o ritmo de tambores noturnos, algo espesso e volátil, visível e invisível, conciliação do contraditório que ia firmando o compasso da leitura com movimento de entranhas, tal sensualidade que muito mais tarde eu fui encontrar na Bahia e é o modo mágico de modular-nos a todos pela efusão e o fraterno. Estranho portanto se tais discriminações chegaram a amarrá-lo na roda ideológica, muito embora o mesmo pecado de lesa-cultura tenha imposto sacrifício igual a tantos outros autores de qualquer modo essenciais ao Modernismo brasileiro, todos visceralmente preocupados com a solução nacional, muito diferente das modernidades equívocas que ensombram nossos dias. Sinto-me livre para falar assim, pois cheguei à capital gaúcha desde a área missioneira, menino embalado pelo Realismo luso-brasileiro do meu pai, quem, para escândalo dos tacanhos, temperava convicções de um socialismo utópico na reverência científica a teses de Alan Kardec, então execrado como energúmeno pela estreiteza dominante. Não me escandalizou por isso ter encontrado na capital provinciana os grupos divididos, nem via por que ligar-se a alguns condenando os outros. Arejado nas janelas abertas de uma escola pública sem favor extraordinária - o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, sem o risco de antolhos ou tapa-olhos integrei a marcha dos protestos, quer invocassem a

tradição ou vociferassem que "o petróleo é nosso", diluído hoje com outras prioridades nacionais em águas de um neo-liberalismo suicida. Ainda convencido de que o nosso caminho não pode andar às tontas pela direita ou a esquerda, tampouco enredar-se no calhorda centrista, também estou certo de que o pensar de Rosário Fusco, que refletiu sobre o país de dentro para fora ou por cima e por baixo, me ajudou bastante a firmar posições. O que nele se patenteava era a forte evidência da realidade nacional, com o mundo lá fora pronto a nos incluir. E sobretudo valia a independência da própria identidade, compromisso do concreto em vôo livre e imune aos extremismos destrutivos. Esteticamente, não via razão na divisão das artes, todas manifestação de algo mais alto conferido ao espírito do homem, único fenômeno capaz de harmonizar nossas disparidades na imagem ou no som da voz unívoca. Aprendi com ele também o apelo do escritor ante a transparência e as densidades, a diferença entre idéia e ideologias, por isso a necessidade de acerrar um quadro ou um poema, a página de música ou o dado histórico, fazendo da teoria aquilo que ela mesma por definição etimológica deve ser: VER, no aberto. Só mais tarde, em livros de Tristão de Athayde, Sérgio Buarque de Hollanda, o Manuel Bandeira de **Apresentação da Poesia Brasileira** ou do **Itinerário de Pasárgada**, além obviamente do Mário e uns quantos críticos mais, que iluminaram a minha busca modernista sem os jargões mais de uma vez equívocos da atual miscelânea pedante, só mais tarde conferi literal e literariamente a precisão de Rosário Fusco, nos seus acertos despejados do rancor ou do servilismo. E foi por ele que, muito antes, cheguei à liberdade equân-



Marcos Arruda
(PSDB)

O livro é tão fundamental para a humanidade que serve como sua memória e, conseqüentemente, como base de sua história. O livro é e sempre será o principal veículo de aprendizado. Portanto, é de fundamental importância que uma nação, por intermédio de seus governos, observe sempre a questão da criação de bibliotecas, com seus respectivos acervos, além de facilitar a leitura para a população mais carente que não tem acesso à cultura.



Eurípedes Camargo
(PT)

Popularizar o acesso ao livro e democratizar seu conteúdo são dois alvos que um governo sério deve perseguir no Brasil. Tal como o jamaíca, o livro é produto quase inacessível à população de baixa renda. É preciso incentivar a leitura de livros por meio das bibliotecas escolares e comunitárias, investir nos autores nacionais já consagrados e propiciar o surgimento de novos poetas e escritores. A par disso, deve-se trazer o livro para a situação concreta de cada cidadão de tal modo que este o veja como um instrumento na busca do conhecimento de si próprio e de sua realidade.

me de ler contente os nossos autores de ambas as margens do rio, preservando-me interiormente o direito à terceira. Apenas isso tornaria urgente no meu entender a reedição de sua obra, porque em sua consciência autores como ele fazem muita falta na bibliografia nacional.

Desde a universitária Yale, o crítico e professor Harold Bloom desenvolveu uma investigação literária criativa e extensa em torno do "cânone ocidental". Qualificando-o por eras que chamou de aristocrática e democrática, em nossos dias configura o castigado e extraviado numa Era do Caos. Conosco, o paulista Cassiano Nunes recusa pôr a surdina em sua voz estentórea quando se trata de verberar neste planalto central a estupidez vigente, alastrada nos meios de comunicação escrita, oral ou visual, naquilo que ele apropriadamente chama de "comunicólogos de carteirinha", confirmando a ironia que eu ouvi de Villa-Lobos nos distantes anos cinqüentas, quando lhe impingiram um diploma *honoris causa*. Para a platéia atenta o grande compositor afirmou que aquele canudo em nada viria alterar o músico, já que ele nunca se acomodara em ver o mundo pelo oco de um cilindro. Atitudes iguais caracterizaram por certo, mantendo-o vivo, o ás dos "jeunes gens de Catacazes", pois calcado na sucinta mensagem poética que Blaise Cendrars lhes enviou (Revista nº 3) eu poderia dizer a esta altura, sem arrepiio das etimologias, que o Rosário Fusco veio para conciliar os contrários do seu nome, na exatidão clarimúltipla da rosa conjurando os escuros

perigosos desse caos que nos ameaça. Neste sentido, será a própria consubstanciação dos propósitos da "Verde". Precisamente, a mera recordação do magistério exercido há meio século com os seus artigos servenos de consolo e alimenta a esperança. Jamais rendeu-se ao capital maligno nem ao abuso totalitário, antes domou a torrente da codícia e dos dogmas cujo curso faz a nuca inclinar-se às traições da palavra. Consubstancial da revista, a parceira convivente, porque naqueles breves números quanto se pode coletivamente respigar o escritor maduro veio mais tarde a distribuir singularmente: propósitos de abraçar o Brasil; certeza de que é besteira combater os outros; romper o matagal com seu próprio machado; perseguir a emoção espontânea e pura de cada um; nada de partidos; escrever para público inexistente, na certeza de que um dia ele virá. E, tudo, o fez com sensibilidade estranhíssima e as raízes "afirmadas no seio moreno da terra brasileira", conforme certamente escreveu dos seus primeiros versos o companheiro Henrique de Resende. Se o fato de ser Cataguases "vítima da pena de muitas penas" ou, no recado de José Américo, ter a cidade pequena "raiva de quem fica maior do que ela dentro dela", pela "Verde" ou por Rosário Fusco, pelos "ases" todos ou por cada um (sujeito e objeto) que eu vejo relacionar-se a Cataguases, existe lá incluindo-se a própria animadversão dos naturais um imã total que, na atração ou na repulsão, é figura ou imagem da nossa mesma realidade conjugada à gigantesca respiração do

país. O sopro rosariano ultrapassa as barreiras do sombrio e recende a Brasil, esta nação maltratada esperando o mundo. Vá lá, depois do resfriado cartorial, rota a máscara fascista diluída nas mil e uma formas de um escravismo corporativista, a falsa elite, amarração, redução ou canudo.

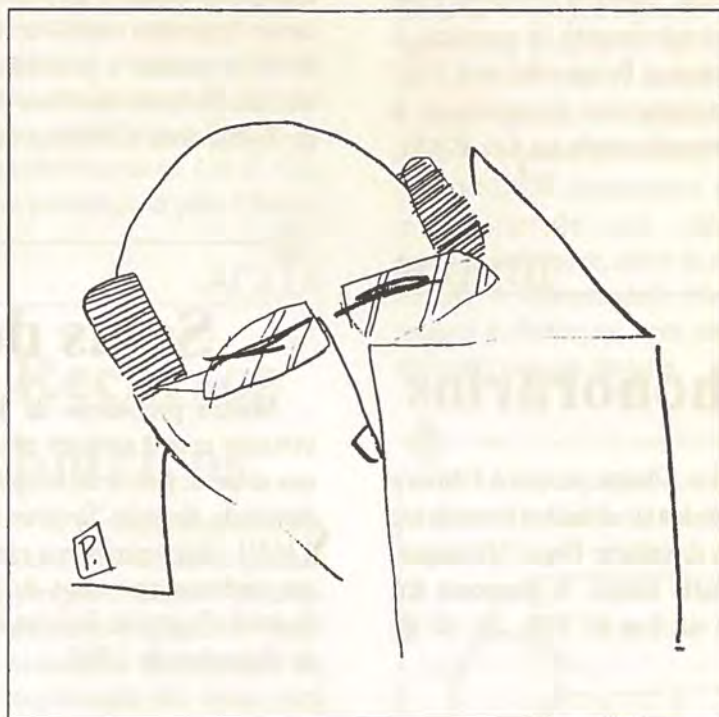
Na evocação do autor, o que me leva ao testemunho há de ser este seu íntimo compromisso com a inteligência e a matéria de toda indagação, um ser liberto da regra decretada, o que pergunta pelo que ainda não sabe e afirma o que já viu, o arraigado capaz do vôo. Com certeza tal virtude assinala também o lugar de Cataguases na cultura nacional e identifica sua comunidade na consciência crítica exercida pela sua cidadania: ao contestarem a cidade, se lhe confere paralelamente o poder germinativo de crescer os fundamentos de sua dialética permanência. Muito embora em si mesma lhe neguem a transformação, ela existe nos fatos em projeção ampliada. Desdobro: o desgosto analítico pelo objeto visado vale a nova experiência, e aqui está uma prova de que, apesar de tudo, algo existe naquela cidade - mistério ou magia, consciência, afeição, polaridade, energia? - que faz dela, em seu limite geográfico, um olho cósmico ou pupila histórica aptos a desvelar ou suprir carências de todos nós brasileiros, munícipes de alheios rincões, iluminando as razões de um processo sociopolítico ou de uma indiscutível cultura.

Rosário Fusco permanece nesse contexto maior ou uma pessoal referência. E repito: está fazendo falta, grande falta, na bibliografia nacional.

Você sabia que a Lei nº 391, de 22 de dezembro de 1992, obriga a presença de um médico pediatra nas salas de partos de hospitais e maternidades da Rede Pública de Saúde do DF?



(Leia na página 2)



DF Leis veio para ficar

O DF Leis encerra este ano de 1996 com mais um conjunto de 27 leis sancionadas e promulgadas, ainda na Primeira Legislatura. O nosso objetivo era chegarmos nesta fase com todas as leis aprovadas entre os anos de 1991 e 1994 e apresentando as novas leis da Segunda Legislatura. Apesar de tudo, nos damos por satisfeitos diante da boa aceitação do DF Leis por parte do público, que nos incentivou para que levássemos o projeto adiante.

Acreditamos que o DF Leis veio para ficar. Ele tem resgatado o trabalho dos deputados distritais, inclusive de vários parlamentares que não lograram se reeleger nas últimas eleições, mas deixaram um trabalho marcante na sua passagem pela Câmara Legislativa do Distrito Federal. Para o próximo ano estamos com boas idéias para aprimorar o DF Leis de forma que ele seja uma fonte de consulta segura para todos vocês.

Você sabia que a Lei nº 448, de 17 de maio de 1993, dispõe sobre a adoção de praças, jardins públicos e balcões rodoviários, por entidades e empresas?



(Leia na página 5)

LOTES

Postos de gasolina

Para aprimorar a Lei nº 433, de 13 de abril de 1993, que trata de normas de uso, edificação, ocupação, altura, tratamento de divisas e acessos, relativos ao uso de lotes comerciais para postos de abastecimento de gasolina, o deputado José Ornellas apresentou Projeto de Lei nº 856/93, que estabelece os afastamentos obrigatórios à edificação. A proposta foi transformada na Lei nº 452, de 20 de maio de 1993.

RENAIS

Transporte gratuito

O deputado Benício Tavares apresentou à Câmara Legislativa Projeto de Lei nº 131/91, que concede transporte gratuito às pessoas portadoras de deficiência renal. O projeto tornou-se a Lei nº 453, de 8 de junho de 1993, e garante a gratuidade de passagem àqueles que têm insuficiência renal nos ônibus que integram o Sistema de Transportes Coletivos do Distrito Federal.

TÍTULOS

Cidadãos honorários

O deputado distrital Carlos Alberto propôs à Câmara Legislativa a concessão de títulos de cidadãos honorários de Brasília para os criadores da cidade: Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Roberto Burle Marx. A proposta foi aprovada e transformada na Lei nº 378, de 10 de dezembro de 1992.

PEDIATRAS

Salas de partos

Muitos problemas de doenças graves poderiam ser evitados com a simples presença de um médico pediatra nas salas de partos de hospitais e maternidades. Por isso o deputado Benício Tavares apresentou Projeto de Lei nº 134/91, determinando a obrigatoriedade da presença de um pediatra nas salas de parto no âmbito do Distrito Federal. O projeto foi transformado na Lei nº 391, de 22 de dezembro de 1992.

UNIVERSIDADE

Fundação Universidade Regional

O deputado distrital José Edmar Cordeiro é o autor da Lei nº 400, de 29 de dezembro de 1992, que autoriza o Poder Executivo a criar a Fundação Universidade Regional do Distrito Federal (URB), com sede na cidade-satélite de Taguatinga. A proposta foi apresentada à Câmara Legislativa através do Projeto de Lei nº 140/91, tendo em vista que Taguatinga tem em torno de si o maior contingente populacional do Distrito Federal e não dispõe de ensino público de nível superior.



CONSELHOS

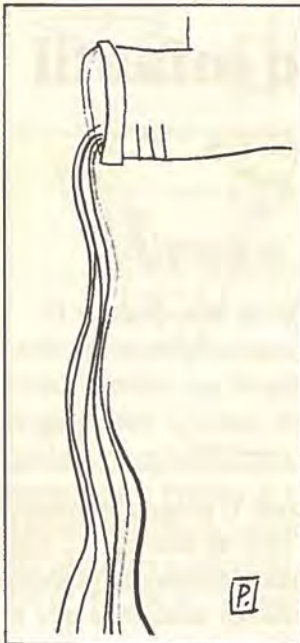
Conselhos no DF

O deputado Aroldo Satake, preocupado em regulamentar a participação e o pagamento de jetons a servidores públicos e outras pessoas com assento em Conselhos, Comissões, Comitês e outros órgãos de deliberação coletiva no âmbito do Governo do Distrito Federal, apresentou à Câmara Legislativa o Projeto de Lei nº 104/91. O projeto transformou-se na Lei nº 422, de 19 de março de 1993, e foi promulgada pela Câmara Legislativa.

ÁGUA

Recursos hídricos

A gerência dos recursos hídricos é tarefa de grande complexidade, principalmente quando consideramos os aspectos da exploração da água para diversos fins e as questões ligadas ao meio ambiente. Para disciplinar essas questões o deputado Wasny de Roure apresentou o Projeto de Lei nº 350/92, transformado na Lei nº 399/92.



LOGRADOURO

Praça dos aposentados

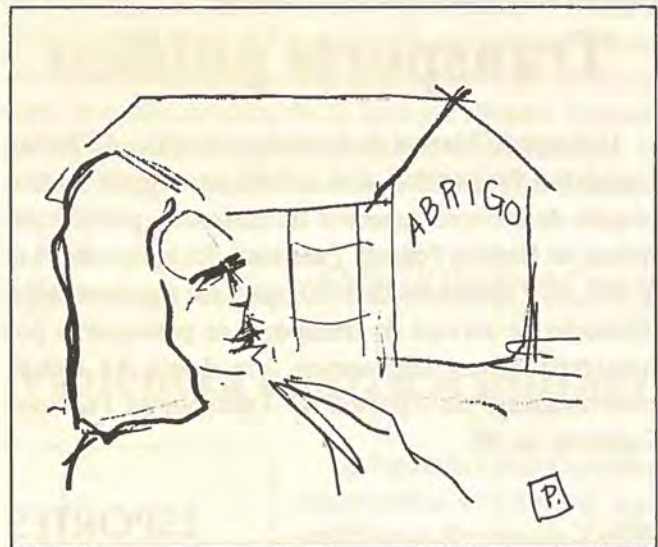
A Câmara Legislativa do DF sempre teve uma especial preocupação com os idosos e aposentados. Entre os projetos já apresentados pelos parlamentares, o de autoria do deputado Geraldo Magela, Projeto de Lei nº 323/92, batiza a pracinha que fica localizada entre o Setor de Diversões Sul e o Setor Hoteleiro Sul, de "Praça dos Aposentados". O projeto foi promulgado pela Câmara Legislativa e transformou-se na Lei nº 416, de 2 de março de 1993.

SUPERIOR

Universidade Aberta

A exemplo de outras cidades dos países mais desenvolvidos, Brasília também tem a sua Universidade Aberta. A proposta partiu do deputado Carlos Alberto através do Projeto de Lei nº 284/91 e foi transformada na Lei nº 403, de 29 de dezembro de 1992, que autoriza o Poder Executivo a implantar a Universidade Aberta do Distrito Federal (UnAB/DF). Entre os muitos objetivos da UnAB/DF destacamos o uso de novas tecnologias, especialmente nos campos da informática e telecomunicações, além de ampliar a democratização do ensino. A Universidade Aberta se baseia no sistema de ensino à distância, sem necessidade de o aluno estar presente na sala de aula.

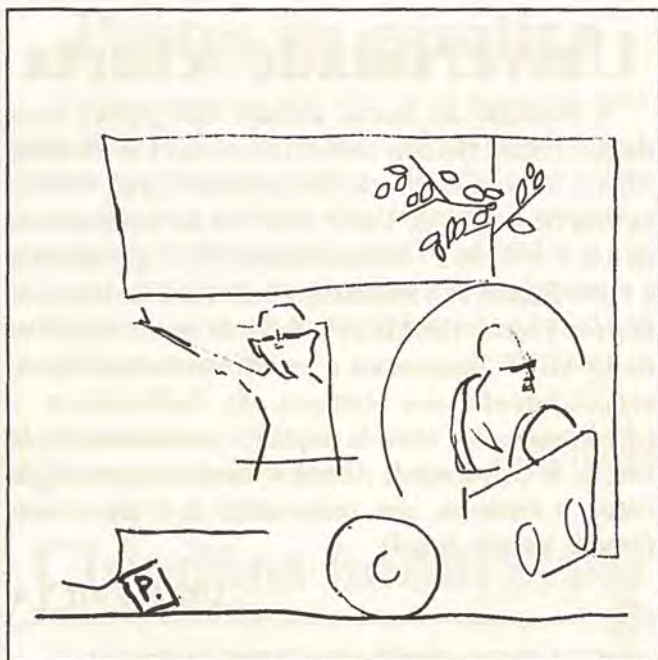
VIOLÊNCIA



Abrigo para mulheres

A violência doméstica contra as mulheres tem crescido muito em todo o Distrito Federal. Uma forma de minimizar essa preocupante questão foi proposta pela deputada distrital Rose Mary Miranda através do Projeto de Lei nº 297/91 e transformado em Lei com o nº 434, em 19 de abril de 1993. A parlamentar, em sua justificativa, afirma que a criação de abrigos para mulheres vítimas de violência e seus dependentes propiciará a elas apoio psicológico e social assim como garantia de sua integridade física e moral.

ALTERNATIVO



Transporte público

O deputado Manoel de Andrade apresentou à Câmara Legislativa Projeto de Lei nº 618/92, que dispõe sobre a criação de serviços especiais de transporte público por ônibus no Distrito Federal. Para tanto foi aprovada a Lei nº 407, de 7 de janeiro de 1993, que veio regulamentar a prestação de serviço de transporte de passageiros por transportadores autônomos, em apoio às linhas convencionais do Sistema de Transportes Públicos Coletivos do DF.

ESPORTES

Esporte voluntário

Brasília é uma cidade que dispõe de grandes áreas abertas que são um convite para a prática de esportes, tais como corridas, caminhadas e outras modalidades. Pensando nisso o deputado distrital Fernando Naves apresentou o Projeto de Lei nº 333/92, que trata da assistência e apoio aos adeptos da prática de esportes voluntários no DF. A proposta transformou-se na Lei nº 376, de 9 de dezembro de 1992, e determina que o DEFER orientará os atletas na prática de exercícios físicos.

TRANSPORTES

Motoristas terão treinamento

As empresas de transportes coletivos do Distrito Federal são obrigadas a realizar cursos e treinamentos nas áreas de relações humanas, primeiros socorros e sistema de trânsito, para motoristas, operadores e cobradores. A determinação consta do Projeto de Lei nº 352/92, de autoria do deputado Peniel Pacheco, transformado na Lei nº 366/92. Pela lei as empresas terão que reciclar seus funcionários a cada dois anos.

PROGRAMA

Alimentação infantil

O deputado Maurílio Silva apresentou Projeto de Lei nº 148/91, que autoriza o Poder Executivo a instituir o Programa de Alimentação Infantil (PAI). O projeto, que transformou-se na Lei nº 450, de 17 de maio de 1993, atende às crianças, com idade até 7 anos, de famílias com renda mensal de até dois salários mínimos. O programa garante a cada criança beneficiária um litro de leite tipo C, por dia, e quinhentos gramas de amido de milho ou produto similar, por semana, além de outros alimentos que o Executivo local entenda viável fornecer.



ENSINO

Universidade Distrital

O deputado distrital Tadeu Roriz apresentou à Câmara Legislativa o Projeto de Lei nº 205/91, autorizando o Governo do Distrito Federal a instituir a Fundação Universidade Distrital. A iniciativa do parlamentar foi transformada na Lei nº 363, de 3 de dezembro de 1992. Entre os diversos cursos de especialização que serão oferecidos pela Universidade constam os de Gemologia e Informática.

ADOÇÃO



Áreas públicas

O cuidado com as áreas públicas exige um grande esforço e implica vultosos gastos para os cofres públicos, principalmente em Brasília, onde predominam enormes áreas verdes e vastos logradouros. Para reduzir esses gastos governamentais o deputado Peniel Pacheco apresentou o Projeto de Lei nº 310/92, que dispõe sobre a adoção de praças, jardins públicos e balões rodoviários, por entidades e empresas. A proposta transformou-se na Lei nº 448, de 17 de maio de 1993.

RECONHECIMENTO

Títulos a pioneiros

Pelos longos anos de serviços prestados à Brasília e a sua coletividade, a deputada Rose Mary Miranda propôs à Câmara Legislativa, através do Projeto de Lei nº 684/92, que fossem concedidos ao diretor-presidente do jornal "Correio Braziliense", Paulo Cabral de Araújo e à ex-primeira dama do País, D. Sarah Kubitschek, os títulos de cidadãos honorários de Brasília. A proposta foi aprovada e transformou-se na Lei nº 435, de 19 de abril de 1993. Os dois homenageados estão intimamente ligados à história do Distrito Federal.

HOMENAGEM

Centro de Convenções

Todos nós conhecemos e sabemos que o ex-deputado federal e presidente da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães foi um dos homens chave para implantação da democracia no Brasil e deu apoio significativo para a autonomia política do Distrito Federal. Para homenageá-lo o deputado Wasny de Roure apresentou o Projeto de Lei nº 628/92, que transformou-se na Lei nº 377, de 10 de dezembro de 1992, que denominou de "Centro de Convenções Deputado Ulysses Guimarães" o Centro de Convenções de Brasília.

HONORÁRIO

Título de cidadão

O deputado Maurílio Silva apresentou à Câmara Legislativa Projeto de Lei nº 574/92, que concede o título de Cidadão de Brasília ao Pastor Severino Vilarindo Lima, que, morando há mais de 23 anos no Distrito Federal, presta serviços evangélico-pastorais à comunidade. O projeto foi aprovado recebendo o nº 425, em 30 de março de 1993.

DISCRIMINAÇÃO

Violência contra a mulher



A deputada Lúcia Carvalho apresentou à Câmara Legislativa o Projeto de Lei nº 296/91, que tratava sobre punições para acabar com a prática de discriminação contra a mulher. A Câmara Legislativa promulgou a Lei nº 417, em 2 de março de 1993. Segundo a parlamentar, em sua justificativa, apesar da Constituição assegurar direitos iguais a homens e mulheres, verifica-se no dia-a-dia a violação de normas no que tange ao respeito à condição feminina.

IMPOSTOS

Débitos com o ISS

O deputado Tadeu Roriz apresentou à Câmara Legislativa Projeto de Lei nº 681/92, que autoriza o Poder Executivo a conceder remissão de Imposto Sobre Serviços (ISS), em relação às obras realizadas para o Poder Público. A proposta foi aprovada e transformou-se na Lei nº 441, em 27 de abril de 1993.

ABONO

Ponto bimestral

O deputado Edimar Pireneus apresentou à Câmara Legislativa Projeto de Lei nº 222/91, que institui abono de ponto bimestral para pais e responsáveis de crianças em idade escolar. O projeto transformou-se na Lei nº 449, de 17 de maio de 1993, e tem como objetivo dar condições aos pais e responsáveis de participarem das reuniões de pais e mestres realizadas periodicamente nas escolas, podendo assim acompanhar melhor o aprendizado e desenvolvimento intelectual de seus filhos.

AGRICULTURA

Núcleo Rural

O deputado Fernando Naves apresentou Projeto de Lei nº 676/92, que autoriza o Poder Executivo a criar o Núcleo Rural Córrego da Onça. A Câmara Legislativa promulgou o projeto, transformando-o na Lei nº 421, de 19 de março de 1993. O Núcleo Rural fica localizado na Área de Proteção Ambiental (APA) do Gama e Cabeça de Veado, e destina-se exclusivamente ao cultivo agrícola.

SEGURANÇA

Grades em Samambaia

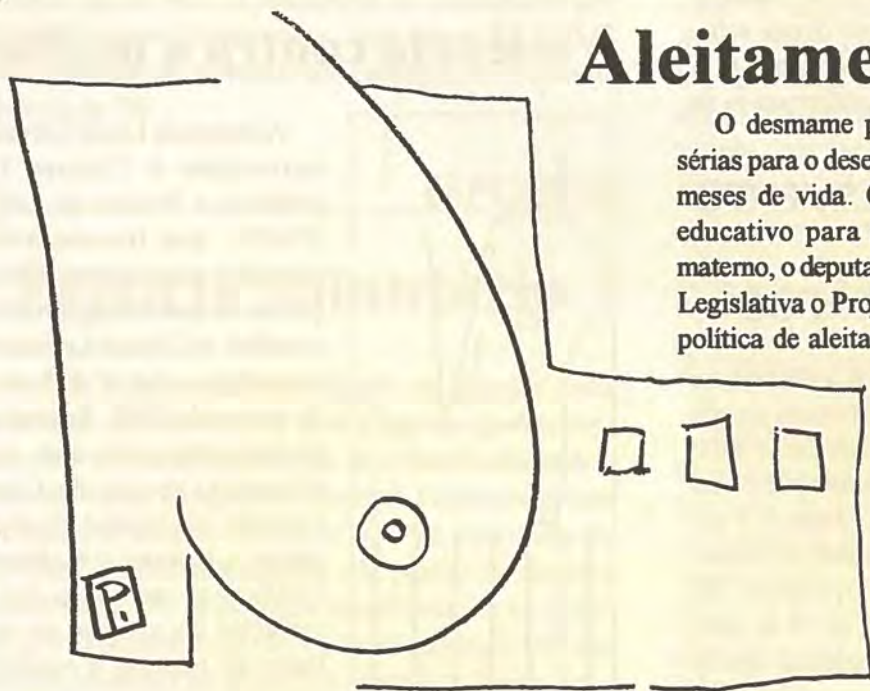
Para aumentar a segurança dos moradores dos lotes residenciais das quadras da SHIS, em Samambaia, a deputada Rose Mary Miranda apresentou Projeto de Lei nº 520/92, que autoriza a construção de coberturas e fechamento com grades das áreas verdes limitrofes aos imóveis. A Câmara Legislativa promulgou o projeto, que foi transformado na Lei nº 419, de 16 de março de 1993.

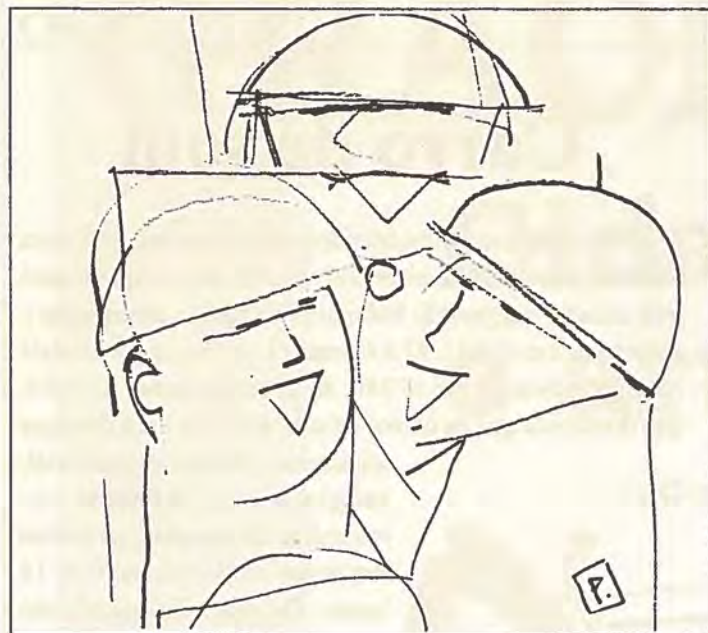
BEBÊS

Aleitamento materno

O desmame prematuro de bebês traz conseqüências sérias para o desenvolvimento e crescimento nos primeiros meses de vida. Com o objetivo de criar um programa educativo para mostrar as vantagens do aleitamento materno, o deputado Wasny de Roure apresentou à Câmara Legislativa o Projeto de Lei nº 340/92, que dispõe sobre a política de aleitamento materno para o Distrito Federal.

A iniciativa transformou-se na Lei nº 454, de 14 de junho de 1993, que, além de prever a instituição de campanhas educativas, determina que todos os hospitais da rede pública destinem os recursos necessários para a coleta de leite materno no domicílio das doadoras, para a formação de Bancos de Leite Humano, entre outras iniciativas.





Guardas-mirins

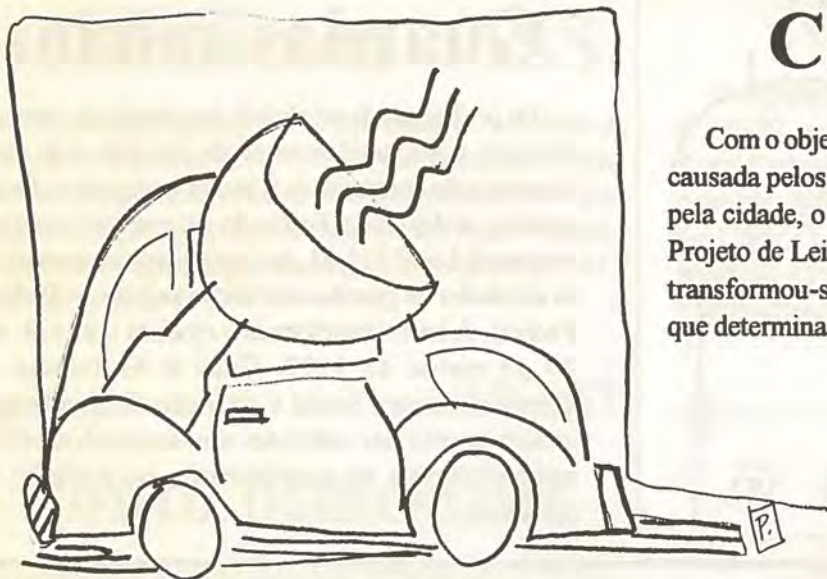
Os problemas da atualidade em relação às crianças carentes e aos adolescentes de rua têm sido uma preocupação constante da Câmara Legislativa. Nesse sentido, o deputado Fernando Naves apresentou o Projeto de Lei nº 331/92, que institui apoio assistencial às entidades de guardas-mirins no âmbito do Distrito Federal. A lei foi sancionada e recebeu o nº 424, em 29 de março de 1993. Cabe à Secretaria de Desenvolvimento Social e da Ação Comunitária o cadastramento das entidades e o desenvolvimento e aproveitamento do guarda-mirim no trabalho de aprendiz.

Índice das Leis

- | | | |
|--|--|---|
| <input type="checkbox"/> Lei nº 363/92
Universidade Distrital | <input type="checkbox"/> Lei nº 403/92
Universidade Aberta | <input type="checkbox"/> Lei nº 434/93
Abrigo para mulheres |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 366/92
Treinamento de motoristas | <input type="checkbox"/> Lei nº 407/93
Transporte alternativo | <input type="checkbox"/> Lei nº 435/93
Títulos de pioneiros |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 376/92
Esporte voluntário | <input type="checkbox"/> Lei nº 416/93
Praça dos Aposentados | <input type="checkbox"/> Lei nº 441/93
Débitos com o ISS |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 377/92
Centro de Convenções | <input type="checkbox"/> Lei nº 417/93
Violência contra mulheres | <input type="checkbox"/> Lei nº 448/93
Áreas públicas |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 378/92
Cidadãos honorários | <input type="checkbox"/> Lei nº 419/93
Grades em Samambaia | <input type="checkbox"/> Lei nº 449/93
Abono de ponto |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 380/92
Carros de som | <input type="checkbox"/> Lei nº 421/93
Núcleo Rural | <input type="checkbox"/> Lei nº 450/93
Alimentação infantil |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 391/92
Salas de partos | <input type="checkbox"/> Lei nº 422/93
Conselhos do DF | <input type="checkbox"/> Lei nº 452/93
Postos de gasolina |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 399/92
Recursos hídricos | <input type="checkbox"/> Lei nº 424/93
Guardas-mirins | <input type="checkbox"/> Lei nº 453/93
Transporte gratuito |
| <input type="checkbox"/> Lei nº 400/92
Universidade Regional | <input type="checkbox"/> Lei nº 425/93
Título de cidadão | <input type="checkbox"/> Lei nº 454/93
Aleitamento materno |

Carro de som

Com o objetivo de disciplinar e reduzir a poluição sonora causada pelos alto-falantes dos veículos de som que rodam pela cidade, o deputado Salviano Guimarães apresentou o Projeto de Lei nº 531/92 à Câmara Legislativa. A matéria transformou-se na Lei nº 380, de 11 de dezembro de 1992, que determina que os carros de som autorizados a divulgar mensagens de cunho comercial, religioso e de interesse comunitário ou classista, só podem funcionar no período de 9 às 18 horas. Os que não veicularem propaganda comercial poderão ter seu horário estendido até as 22 horas.



Câmara Legislativa do Distrito Federal

MESA DIRETORA

Presidente Geraldo Magela - PT	Vice-Presidente José Edmar - PSDB	1º Secretário Manoel de Andrade - PMDB	2º Secretário Edimar Pireneus - PMDB	3º Secretário Peniel Pacheco - PSDB
Suplentes da Mesa: Cláudio Monteiro - PPS		Daniel Marques - PMDB		

I - COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA

Presidente
João de Deus - PDT

Vice-Presidente
Renato Rainha - PL

Deputados titulares
Benício Tavares - PMDB
Cláudio Monteiro - PPS
Eurípedes Camargo - PT
João de Deus - PDT
Luiz Estevão - PMDB
Marco Lima - PSDB
Renato Rainha - PL

Deputados suplentes
Adão Xavier - Sem Partido
Antonio José (Cafu) - PT
Edimar Pireneus - PMDB
Lúcia Carvalho - PT
Manoel de Andrade - PMDB
Miquéias Paz - PC do B
Odilon Aires - PMDB

II - COMISSÃO DE ECONOMIA, ORÇAMENTO E FINANÇAS

Presidente
Tadeu Filippelli - PMDB

Vice-Presidente
Zé Ramalho - PDT

Deputados titulares
Adão Xavier - Sem Partido
Daniel Marques - PMDB
Lúcia Carvalho - PT
Odilon Aires - PMDB
Tadeu Filippelli - PMDB
Wasny de Roure - PT
Zé Ramalho - PDT

Deputados suplentes
Benício Tavares - PMDB
Eurípedes Camargo - PT
João de Deus - PDT
Jorge Cauhy - PMDB
Luiz Estevão - PMDB
Marco Lima - PSDB
Marcos Arruda - PSDB

III - COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS

Presidente
Marcos Arruda - PSDB

Vice-Presidente
Jorge Cauhy - PMDB

Deputados titulares
Antonio José (Cafu) - PT
Edimar Pireneus - PMDB
Jorge Cauhy - PMDB
Marcos Arruda - PSDB
Manoel de Andrade - PMDB
Miquéias Paz - PC do B
Peniel Pacheco - PSDB

Deputados suplentes
César Lacerda - PTB
Cláudio Monteiro - PPS
Daniel Marques - PMDB
Tadeu Filippelli - PMDB
Wasny de Roure - PT
Zé Ramalho - PDT

IV - COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA

Presidente
César Lacerda - PTB

Vice-Presidente
Luiz Estevão - PMDB

Deputados titulares
Antonio José (Cafu) - PT
César Lacerda - PTB
Lúcia Carvalho - PT
Luiz Estevão - PMDB
Marco Lima - PSDB
Tadeu Filippelli - PMDB
Zé Ramalho - PDT

Deputados suplentes
Edimar Pireneus - PMDB
Eurípedes Camargo - PT
João de Deus - PDT
Jorge Cauhy - PMDB
Miquéias Paz - PC do B
Renato Rainha - PL

Coordenadoria de Editoração e
Produção Gráfica

DF Leis - Encarte do Suplemento Cultural DF Letras, editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica da Vice-Presidência. Coordenador de Editoração e Produção Gráfica Nelson Pantoja (Reg. Prof. 916/06/01-MTB-DF), Editor Executivo: Chico Nóbrega (Reg. Prof. 371/03/55-MTB-DF) Diagramação: Marcos Lisboa,

Ilustrações: Marcelo Perrone; Editoração Eletrônica: Apolo Guandalini; Revisão: Anamaria Silva Pinheiro e Vânia Codeço Velloso, Composição: Setor de Editoração da CLDF. Redação: 348.8412 - 348.8963 Câmara Legislativa do Distrito Federal - SAIN - Parque Rural 70086.900 - Brasília-DF

GRACILIANO

Cidadão e artista

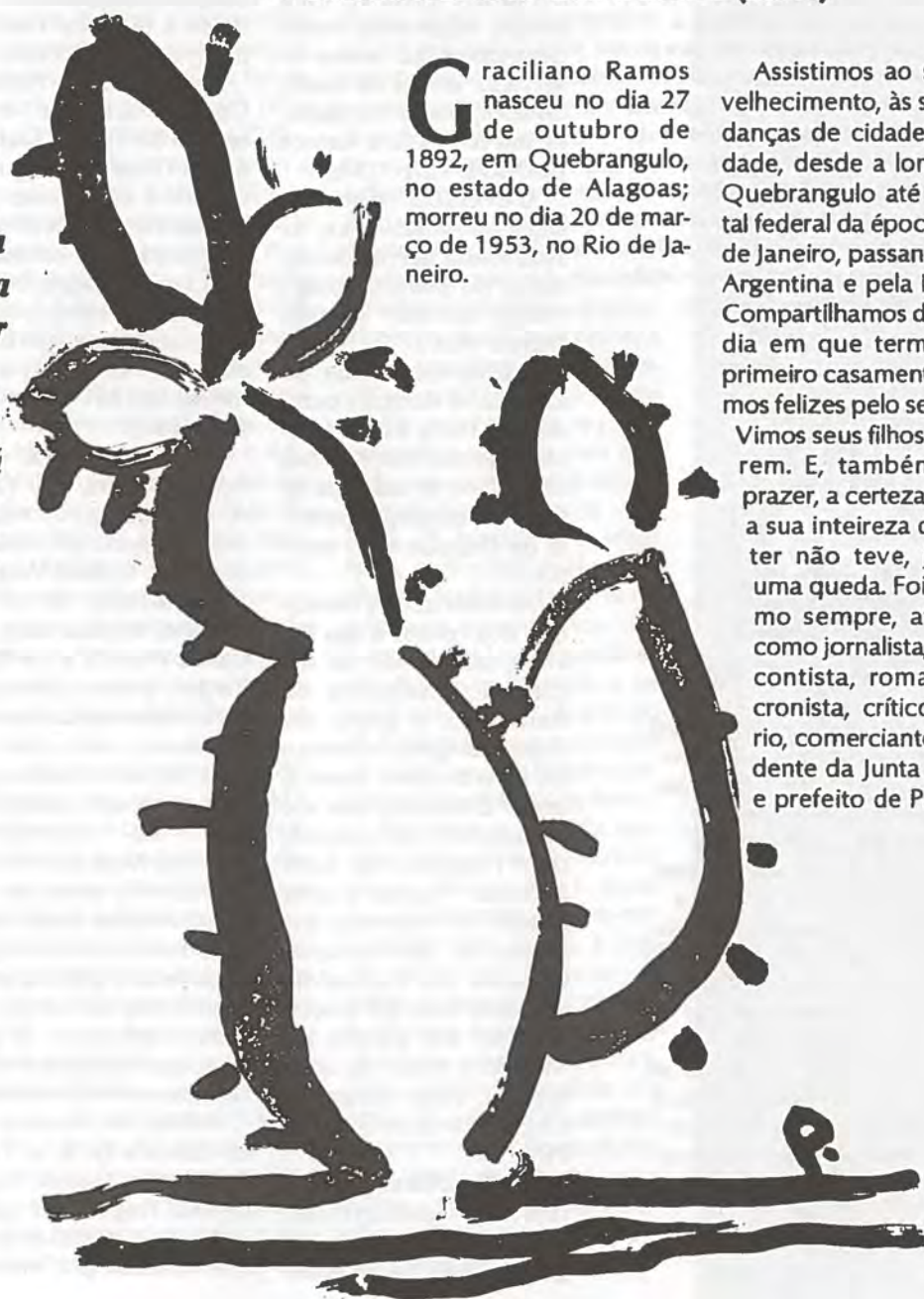
□ Carlos Alberto dos Santos (Abel)

Introvertido, Graciliano Ramos foi sempre o mesmo mantendo durante toda sua vida “uma inteireza de caráter”. Ao estudar sua obra, Carlos Alberto dos Santos (Abel) conclui que “há a junção perfeita de cidadão e de escritor”.

Foi um político socialista, mas sua literatura não é panfletária.

Graciliano Ramos nasceu no dia 27 de outubro de 1892, em Quebrangulo, no estado de Alagoas; morreu no dia 20 de março de 1953, no Rio de Janeiro.

Assistimos ao seu envelhecimento, às suas andanças de cidade em cidade, desde a longínqua Quebrangulo até a capital federal da época, o Rio de Janeiro, passando pela Argentina e pela Europa. Compartilhamos da tragédia em que terminou o primeiro casamento. Ficamos felizes pelo segundo. Vimos seus filhos crescerem. E, também, com prazer, a certeza de que a sua inteireza de caráter não teve, jamais, uma queda. Foi o mesmo sempre, atuando como jornalista, poeta, contista, romancista, cronista, crítico literário, comerciante, presidente da Junta Escolar e prefeito de Palmeira





Jorge Cauhy
(PMDB)

Para corrigir uma injustiça praticada pelos sucessivos governos do DF contra os pioneiros de Brasília, apresentei, e já foi aprovado, projeto criando a Cidade dos Pioneiros. A proposta está nas mãos do governador, que pode vetar ou sancionar a iniciativa. Os pioneiros não podiam se candidatar à moradia, pela antiga Shis, por ganharem mais de três salários mínimos. Por conta dessa exigência a maioria dos pioneiros ficou excluída dos planos habitacionais implantados no DF. A região onde será localizada a Cidade dos Pioneiros ficará a critério do GDF, embora eu esteja negociando uma área próxima ao Catetinho.



Cláudio Monteiro
(PPS)

O livro, seja ele uma obra literária, científica ou artística, não serve apenas para instruir o leitor. Ao registrar conhecimentos, emoções, sentimentos e impressões do seu autor, liberta fantasias, desperta na alma a imaginação e a paixão pela vida. No ano em que comemoramos os cem anos da Guerra de Canudos, vale a pena lembrar "Os Sentões", a obra máxima de Euclides da Cunha. Muito mais do que um simples registro histórico de Canudos, a obra tornou-se monumento de nossa literatura, um grande poema épico em prosa.

dos Índios, diretor da Imprensa Oficial e diretor da Instrução Pública de Alagoas, preso político, inspetor federal no ensino do antigo Distrito Federal, membro do Partido Comunista do Brasil, presidente (eleito e reeleito) da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), professor de português, de italiano, de esperanto, revisor do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo (DIP) e tradutor.

Esse homem introvertido ainda exerceu uma função espantosa, considerando-se seu caráter reservado: artista de teatro amador, como nos declara sua filha, Clara Ramos (RAMOS, C., p. 35-6).

Devemos conhecer suas idiosincrasias, as suas idéias acerca do social e do político, como "homo sapiens" e como "homo fitus".

Estudando a vida de Graciliano Ramos - parodiando Lúcia Miguel Pereira - vemos que tal obra só poderia ter saído de tal homem; há junção perfeita do cidadão e do escritor.

As estórias dos romances, dos contos e das novelas, do mundo da ficção, são mediações do demiurgo, a partir do mundo empírico conhecido e vivido pelo autor. E isto é declarado por ele numa entrevista concedida a Francisco de Assis Barbosa: "Caetés é uma história de Palmeira dos Índios /AL. São Bernardo se passa em Viçosa/AL. *Angústia* tem um pouco do Rio, um pouco de Maceió e muito de mim mesmo. *Vidas Secas* são cenas da vida de Buíque/PE".

De Graciliano publicaram-se os seguintes livros: *Caetés*, *São Bernardo*, *Angústia*, *Vidas Secas*, *Infância*, *Linhas Tortas*, *Memórias do Cárcere*, *Pequena História da República*, *Viagem*, *Viventes das Alagoas*, *Histórias de Alexandre*, *a Terra dos Meninos Pelados*, *Insônia*, *Brandão entre a Terra e o Amor*.

Este último de parceria com Jorge Amado, José Lins do Rego, Aníbal Machado e Raquel de Queirós.

Foi um artista, mas, antes de tudo, um cidadão. Não se alienou, para criar... Criou dentro de um contexto e de uma situação sócio-política, definida e objetiva. Escritor profissional e político.

Ingressou no Partido Comunista no dia 18 de agosto de 1945. Quando a filha Clara lhe pergunta o porquê da atitude, responde-lhe: "Naturalmente, porque sou comunista. É uma resposta besta, mas não tenho outra. Acho que deixei isso bem claro na minha vida e na minha escrita". (RAMOS, C., p. 166).

Em *Memórias do Cárcere* (RAMOS, G., 1979 A, v. 2, p. 263-7) relata uma das grandes crueldades do Sr. Getúlio Vargas: a extradição de Olga Benário, esposa de Luís Carlos Prestes, e de Elisa Berger, presas políticas, para a Alemanha nazista. O ditador sabia que as duas, sendo comunistas e judias, seriam assassinadas na Alemanha nazista. Mas, assim mesmo, contra todas as razões humanas, ainda mais se considerarmos que Olga estava grávida, perpetrou esse ato torpe, canalha e selvagem. As páginas que lembram esse fato choram e protestam.

Ainda em *Memórias do Cárcere* (v. 2, p. 126-7), temos o caso do marinheiro Tiago. Um caso kafkiano. Acreditável, porque contado por Mestre

Graça. Tiago, brasileiro, marinheiro, servindo na marinha inglesa. Vem ao Brasil cheio de amor. Vai descarregá-lo no mangue. Volta ao cais do porto. Um motorista de táxi resolve escorchá-lo. Tiago protesta. Não quer pagar o pedido pela corrida. "Berros do chauffeur: - Ladrão, comunista". Preso. Delegacia. Interrogatório. Tiago queria apenas regressar ao navio. Não deixam.

"— Está bem, está bem, resolvera o delegado. Você fica. Não é bom que esse negócio seja contado lá fora. Você fica". — "Doutor, afirmara Tiago, prometo não dizer uma palavra, esquecer-me do Brasil. Se me aparecer numa rua a nossa bandeira ou estiverem tocando o hino nacional, torço o caminho, volto, passo longe. E deixo de falar português". Essa promessa de nada servira. Tiago virara comunista, perdera o lugar no pacote - e, de cabeça raspada, vestindo zebra, carregava tijolos na Colônia Correccional.

Para justificar a absurda prisão de Tiago só uma explicação: "O Governo se corrompera em demasia; para aguentar-se precisava simular conjuras, grandes perigos, salvar o país enchendo as cadeias".

A literatura é a memória do povo. Aprende-se mais com os literatos do que nos compêndios da história oficial. O Major Graça, em *Viventes das Alagoas* (RAMOS, G., 1980 D, p. 63), acerca da Revolução de 30, em Maceió, apresenta-nos fatos que se repetem no nosso País sem memória.

"A maioria animava-se de verdade, oferecia moedas de prata para a liquidação da dívida externa, esperava que os alto-for-

nos se construíssem de repente, corresse petróleo e a população subisse a duzentos milhões. Esses desejos encurtaram-se, mas ainda ficaram extensos, e moços verbosos, falando muito na realidade brasileira, procuraram em países distantes receitas convenientes aos males nacionais. Os políticos maduros, educados na poesia e na retórica, arrepiavam-se ouvindo sujeitos imberbes que se agarravam à economia e à sociologia, citavam livros desconhecidos.

- Que materialismo!"

Acerca do valor da vida humana e do valor da propriedade no Nordeste, informa-nos secamente: "Como a riqueza é constituída principalmente por animais, o maior crime que lá se conhece é o furto do gado. A vida humana, exposta à seca, à cobra e à tropa volante, tem valor reduzido - e por isso o júri absolve regularmente o assassino. O ladrão de cavalos é que não acha perdão. Em regra não o submetem a julgamento: matam-no." (RAMOS, G., 1980 D, p. 129-30).

Abordando os partidos políticos no Império, na *Pequena História da República* (1979 B, p. 136), faz críticas que continuam pertinentes aos nossos dirigentes de hoje: "Em geral essas personagens se filiavam num dos grandes partidos que aqui brigavam: o Liberal e o Conservador. Um deles dirigia os negócios públicos. O outro, na oposição, dizia cobras e lagartos dos governantes, até que estes se comprometiam e S. M. os derrubava e substituíam pelos descontentes que eram depois substituídos. Os programas dessas facções divergiam, é claro, mas na prática elas se assemelhavam bastante.

E como apenas duas se revezavam no poder, facilmente se tornavam conhecidas e não inspiravam confiança".

Conta-nos fatos do passado que, infelizmente, se repetem no presente. Os pobres nordestinos, na falta de dinheiro, tinham (têm) um outro modo de ganhar os meios de pagamento dos impostos: "Na cidade, havia numerosas meretrizes, um horror de meretrizes, até crianças de doze anos, imposto arrancado aos que não possuíam fazenda.

Os homens remediados, que o Coronel afligia em horas de rabujice, não pagavam impostos ou pagavam muito pouco. E Fernando, parente próximo do governador e fiscal da Intendência, atenuava a oposição, esfolava matutos nas feiras, colhia virgindades." (RAMOS, G., 1980 A, p. 218).

Ezra Pound situa bem a posição do poeta: são as antenas do povo. Graciliano pode abrigar-se nessa conceituação. Após a Revolução de 32 houve a revoadada dos políticos alagoanos para a capital federal. E o escritor, mostrando todo o seu desapontamento, escreveu (RAMOS, G., 1981, carta n. 63): "Valdemar me disse há uns dias, em carta, que os políticos daí (os retirantes, bem entendido) estavam arrumando malas. Já seguiram viagem? Desejo de coração que o navio em que embarcaram vá ao fundo e que os outros passageiros se salvem."

Foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios em 1927. O comunista Graciliano (ainda simpatizante - não dos quadros partidários), em um relatório, declara: "No ano passado, houve supressão de várias taxas que existiam em 1928. A receita, entretanto, calculada em 68:850\$000, atingiu 96:924\$985.

E não empreguei rigores excessivos. Fiz apenas isto: extingui favores largamente concedidos a pessoas que não precisavam deles e pus termo às extorsões que afli-

giam os matutos de pequeno valor, ordinariamente raspados, escorchados, esbrugados pelos exatores." (RAMOS, G., 1980 C).

O escritor detestava os militares. Contudo declara, em *Memórias do Cárcere* (RAMOS, G., 1979 A, v.1, p. 63-4), que, como prefeito observara que os "melhores trabalhadores, os mais eficazes, tinham sido soldados". Mas, mesmo traçando esse quadro propício aos "vestidos de verde", não deixa de associá-los às suas desventuras políticas: "Chegamos ao quartel do 20º Batalhão. Estivera ali em 1930, envolvera-me estupidamente numa conspiração besta com um coronel, um major e um comandante de polícia, e vinte e quatro horas depois achava-me preso e só. Dezesseis cretinos de um piquete de Agildo Barata haviam fingido querer fuzilar-me. Um dos soldadinhos que me acompanhavam chorava como um desgraçado. Parecera-me então que a demagogia tenentista, aquele palavrório chocho, nos meteria em atoleiro. Ali estava o resultado: ladroagens, uma onda de burrice a inundar tudo, confusões, mal-entendidos, charlatanismo, enurghúmenos microcéfalos vestidos de verde a esgoelar-se em discursos imbecis, a semear delações. O levante do 3º Regimento e a revolução de Natal haviam desencadeado uma perseguição feroz."

Minimiza a ação da censura: na sua linha de raciocínio, a censura não o impediu de escrever: "Restar-me ia alegar que o DIP, a polícia, enfim os hábitos de um decênio de arrocho, me impediram o trabalho. Isto, porém, seria injustiça. Nunca tivemos censura prévia em obra de arte. Efetivamente se queimaram alguns livros, mas foram raríssimos esses autos-de-fé. Em geral a reação se limitou a suprimir ataques diretos, palavras de or-

dem, tiradas demagógicas, e disto escasso prejuízo veio à produção literária. Certos escritores se desculparam de não haverem forjado coisas excelentes por falta de liberdade - talvez ingênuo recurso de justificar inépcia ou preguiça. Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer. Não será impossível acharmos nas livrarias libelos terríveis contra a república novíssima, às vezes com louvores dos sustentáculos dela, indulgentes ou cegos. Não caluniemos o nosso pequenino fascismo tupinambá; se o fizermos, perderemos qualquer vestígio de autoridade e, quando formos verazes, ninguém nos dará crédito. De fato ele não nos impediu escrever. Apenas nos suprimiu o desejo de entregar-nos a esse exercício." (RAMOS, G., 1979 A, v.1, p. 33-4).

O Major Graça publicou apenas três romances, *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*, e uma novela *Vidas Secas*. Fica a pergunta: apesar de brilhante, tão parca produção literária não terá sido consequência do fascismo tupiniquim e do seu instrumental, a censura policial, brutal?

Graciliano tem uma extensa ligação com a imprensa. Em 1904, com doze anos, funda e dirige um periódico infantil, com 200 exemplares de tiragem, impresso em Maceió: o *Dilúculo*, órgão do Internato Alagoano de Viçosa.

Quando morreu em 1953, prestava seus serviços de revisor no Correio da Manhã. Eram seus companheiros, Otto Maria Carpeaux, Alvaro Lins, Antônio Callado, Paulo Mendes Campos, Otto Lara



Manoel de Andrade
(PMDB)

É surrado, mas verdadeiro: "Um país se faz com homens e livros". Contudo, no Brasil, antes dos livros, temos que pensar na alfabetização dos homens. Definitivamente, não podemos ter um país digno enquanto campear a fome, a miséria absoluta e o analfabetismo. Não podemos falar em globalização e coisas do gênero enquanto carregamos a nódoa de centenas de milhares de famintos e analfabetos. Ainda que o mercado editorial tenha crescido, o que é digno de aplausos, precisamos ter sempre em mente a necessidade de ensino básico gratuito e de qualidade para termos, efetivamente, um país com homens e livros.



Lúcia Carvalho
(PT)

Gostaria de parabenizar a iniciativa da equipe do DF Letras que desde a edição passada divulga encarte impresso em braile. Acredito que esta medida certamente será aplaudida pelos 2 mil e 700 portadores de deficiência visual que vivem hoje em Brasília. Também com o objetivo de reduzir os muitos obstáculos que tanto dificultam o cotidiano das pessoas portadoras de deficiência visual, apresentei o projeto de lei determinando que bares, lanchonetes, restaurantes e estabelecimentos similares adaptem suas listas de preço e cardápios ao uso por deficientes visuais. Todas as formas de ajuda na socialização dos deficientes devem ser expandidas.

Resende, Aderson Magalhães.

Revisava, porém recusava-se a escrever no jornal. Pensava que a imprensa colocava-se servilmente às ordens da burguesia. Assim sendo, não confiável. Esse pensamento, ele o traduz cruamente num episódio narrado pela filha, Clara Ramos, num diálogo com José Condé: "E quando José Condé lhe apresenta uma lista de adesões para um jantar comemorativo do aniversário de Paulo Bittencourt, o velho Graça não pensa em aderir a coisa nenhuma:

- Quê?! Sentar-me à mesa com patrão? Todo patrão é um filho da puta! O Paulo é o menos que conheço. Mas, de qualquer maneira, é patrão.

No dia seguinte o aniversariante empurra a porta do Petit Trianon:

- Quer dizer então que você xingou minha mãe!

- Quando? — estranha Graciliano.

O outro lhe refresca a memória, ouve a explicação de que representa o melhor mau-caráter de sua classe. E com luva de pelica responde ao elogio a cada aniversário do romancista, convocando-o a esgotar uma garrafa de vodca em seu gabinete. Esses convites são irrecusáveis." (RAMOS, G., p. 212).

Um escritor, um grande escritor, contudo tinha uma visão perversa do literato: "Somos ásperos. Egoístas, mesquinhos, a naufragar, buscando terra dentro do nevoeiro. A terra está próxima, chegaremos lá. Difícil entender isso. E continuamos a arrancar-nos." (RAMOS, G., 1980 Bp. 269).

E os editores? Sem palavra, descumprem os prazos para as publica-

ções e são parcos no pagamento do dinheiro devido. Uma exceção à regra: a Editora José Olympio. Graciliano, ainda preso político, e, mesmo assim, o editor publica *Angústia*. E um adendo: também ofereceu pagamento adiantado.

"José Olympio manda o romance para a composição. Temeridade igual à de José Lins. Afinal o editor nunca me vira, nada o aconselhava a expor um livro de autor excomungado pelas normas vigentes. Perigo, impossível adivinhar as consequências. Iam talvez chamá-lo à delegacia para esclarecimentos, depois enviá-lo à Casa de Detenção. Em segredo, com certeza: os jornais guardariam silêncio. Os originais estavam salvos, na oficina. Difícil escaparem os volumes: seriam apreendidos, julgados nocivos, queimados. Perdiam-se os gastos de impressão, o negociante de escritos metia o rabo na ratoeira." (RAMOS, G., 1979 A, v. 1, p. 367).

E os professores? Carcereiros, gramatiqueros, improvisados, ignorantes, espancadores, atrasados, criminosos, analfabetos, malucos, paus-d'água, cavalos, burros. Clara Ramos conta-nos do professor Graciliano: "Ele chega do *Correio da Manhã* pelas 11 e, ao sentar-se à mesa, está pedindo a Deus uma companhia. Logo que começa a enumerar suas novidades, a estudante ali presente deve mostrar que é pessoa séria, sem tempo para conversa. E corta-lhe a palavra lendo em voz alta o ponto que tem a estudar. Ele ouvirá atento. Até o instante que, concordando vagamente com o exposto, lhe ocorrer ter

sido, no entanto, omitido determinado aspecto fundamental etc. e coisa. Ou explodir em impropérios contra o professor, um cavalo, um criminoso lombrosiano que emburra os alunos, leva-os a desaprender o que aprendem em casa. Em qualquer das alternativas, é hora de fechar os cadernos. E ouvir a aula essencial sobre o assunto provocado. Nenhuma empoação, nenhum manei-rismo didático. Em sua espontaneidade, o pai não parece consciente de estar ministrando uma aula. Os professores, entretanto, se reduzem. Não de pensar em pesquisas complicadas, viagens à Biblioteca Nacional, consultas a obras raras. Entra ano, sai ano, o velho Graça é o primeiro da classe." (RAMOS, C., p. 201).

Jamais faz a apologia do cangaço. É um crítico acerbo, duro, de Lampião. Despe-lhe a áurea romântica, apresenta-o de corpo inteiro, um assassino cruel e mesquinho...

"Lampião era religioso, não por temperamento por hábito e por influência do Padre Cícero do Juazeiro. E, religioso, entrando numa igreja de povoação conquistada, tirava uma nota de quinhentos mil-réis da capanga e introduzia-a na rachadura da caixa das almas, a punhal.

Isso não o impedia de violar mulheres na presença dos maridos amarrados.

Lampião era um monstro, tornou-se um monstro símbolo de todas as monstruosidades possíveis." (RAMOS, G., 1980 D p. 150-2).

Alagoas é a terra do cidadão Graça. Não do seu túmulo. Não perdoa Alagoas nem os alagoanos por sua prisão em 1936.

Numa carta a Heloísa, sua segunda esposa, afirma que só voltaria a Alagoas, se "pudesse oferecer a isso um terremoto que acabasse com tudo". (RAMOS, G., 1981, carta n.98). Uma vez, pilhericamente, "considerando não existir um acidente de expressão na costa pouco recortada do Brasil, irá arrumar para o golfo de que carece o país uma situação ideal: Alagoas daria um excelente golfo." (RAMOS, C., p. 120). Jura e cumpre: "O essencial era retirar-me de Alagoas e nunca mais voltar, esquecer tudo, coisas, fatos e pessoas". (RAMOS, G. 1979 A, v. 1, p. 40).

Considerando-se que o homem é o filho do homem, vemos que o Major Graça foi marcado por uma meninice dominada pelo medo e pela infelicidade. Criado afastado dos meninos de sua idade, medo de gente, do sobrenatural, das almas do outro mundo, do inferno. Medo da violência do pai truculento. Objeto do sarcasmo dos outros meninos. Um menino domado ...

Tinha horror ao carnaval: "Marchei para a Galeria Cruzeiro, mas a travessia foi lenta por causa dos cordões carnavalescos. Horríveis, horríveis. Num carro, gente miúda e escura, provavelmente a negrada faminta do morro, ria e dizia para baixo: "Guarde o seu sorriso". Pensei numa porção de besteiras e quando dei por mim estava quase gritando: horrível, horrível." (RAMOS, G., 1981, carta n. 88).

Destestava pederastas passivos. Quando esteve preso na Casa de Correção, um dos muitos crimes do getulismo, tinha um amigo, Walter Pompeu. Pompeu, sabendo da sua aversão pelos homossexuais, uma, duas vezes por semana, sentava-se ao lado de Mestre Graça e chamava-lhe a atenção para um copeiro homossexual:

— "Olhe a cara do Aleixo. Coitado é um infeliz. Você tem razão.

Ficava um instante a comiserar-se. E, em seguida: — Você tem coragem de comer isso? Vou jurar que os talheres estão sujos de esperma." (RAMOS, G., 1979 A, v. 2, p. 212).

Rosnando impropérios, Graciliano desviava-se do prato, largava a comida cheio de náusea e xingava Pompeu. E aí Pompeu, rindo desbragadamente, consumia a ração de Graciliano.

E o ciúme? Constante na sua literatura. Constante na sua vida. Heloísa, a segunda esposa ainda viva, machucava-o com seu ciúme paranoico. Na véspera de sua prisão, no dia 2 de março de 1936, tentava melhorar o romance *Angústia* e declarava nas *Memórias do Cárcere* (1974 A, v. 1, p. 42): "Necessário ainda suar muito para minorar as falhas evidentes. Mas onde achar sossego? Minha mulher vivia a atenuar-me com uma ciúmeira incrível, absolutamente desarrazoada. Eu devia enganá-la e vingar-me, se tivesse jeito para essas coisas. Agora, com a demissão, as contendas iriam acirrar-se, enfurecer-me, cegar-me, inutilizar-me dias inteiros, dias inteiros deixar-me apático e vazio, aborrecendo o manuscrito."

Nega o futebol, afirma o jogo do bicho. Ironicamente, eleger um outro esporte, nacional por excelência: "Reabilitem os esportes regionais, que aí estão abandonados: o porrete, o cachação, a queda de braço, a corrida a pé, tão útil ao cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas, a pega de bois, o salto, a cavalhada, e, melhor que tudo, o cambapé, a rasteira.

A rasteira! Este, sim, é o esporte nacional por excelência." (RAMOS, G., 1980, p. 82-3).

Graciliano era ateu. E isso diz ao pai numa carta (RAMOS, G., 1981, carta n. 24): "Aqui não sou propriamente um santo, mas vou em caminho do céu, apesar de o senhor pensar que sou um bocado ateu. Essa suposição do senhor não quer dizer nada. Eu não me pareço ateu, como está em sua carta. Sempre o fui, graças a Deus, como dizia o saloio... O Deus está morto, coitado!"

Qual o embasamento literário do menino Graciliano? O barão de Macaúbas; Camões, abominado pelo estudante de apenas sete anos; histórias do folclore nordestino; as lições religiosas de Padre Pimentel - aos dez anos, o encontro com *O Guarani*; depois Joaquim Manuel de Macedo, Júlio Verne; o tabelião Jerônimo Bastos que lhe falava de Napoleão, de Robespierre e de Marat; a literatura naturalista de Aluísio Azevedo; a obra de Emile Zola e de Victor Hugo.

Segundo informa Ricardo Ramos, já falecido, Mestre Graça, adulto, julgava *A Ilustre Casa de Ramires* e *Os Maias*, as melhores obras de Eça de Queiroz; recitava de cor poemas de Manuel Bandeira; considerava *Guerra e Paz*, de Tólstoi, o melhor romance da literatura mundial; tinha preferências manifestas por Gogol, Tchekhov, Andreiev e Dostoiévski; e, espantoso, sabia tudo da Bíblia, ele, um ateu confesso!

Desgostava-se da crítica. Satirizava-a. Negava-a, mas valorava-a. Agastava-se com a do Rio de Janeiro, porém era cáustico com a de São Paulo. Chegava a compará-la com a alagoana, a da famigerada Alagoas.

"Acredita você que me vieram falar nos relatórios da prefeitura de Palmeira dos Índios? Pois é verdade. Por onde me vire esses infames relatórios me perseguem.

Ninguém leu *Angústia* mas vi pessoas que acham *Caetés* um excelente livro. Fiquei encabulado a princípio, depois lembrei-me de que estava em São Paulo, onde essa história de literatura não é muito melhor que em Maceió. Excetuando um número reduzido de criaturas, algumas decadentes, o resto não se afasta muito de Armando Wucherer." (RAMOS, G., carta n. 91).

A atitude do escritor, em relação aos seus escritos, aparece bem marcada numa carta escrita à irmã Leonor Ramos (RAMOS, G., 1981, carta n. 25), em 10 de julho de 1915, quando ele estava tentando a vida na imprensa, no Rio de Janeiro.

"Vive sempre a gente a ter dúvida sobre se vale ou não alguma coisa. Quando se é moço, é-se arrojado a valer, tem-se o desplante impagável de andar jogando à publicidade todas as sandices que vão pingando do bico da pena. Depois, com a idade, vem o receio, a dúvida. "Isto prestará? Valerá a pena lançar isto?" E o que fazemos hoje e nos parece bom afigura-se-nos amanhã detestável. E perguntamos a nós mesmos: "A opinião de Fulano terá sido sincera? Essa gente procederá de boa fé?" Vem-nos por fim uma reflexão decisiva. Se nossas produções ficarem sempre inéditas, nunca poderemos, por nosso próprio julgamento, saber se elas prestam.

É preciso ser afoito, imodesto, cínico até. Não poderás saber a quantidade de pedantismo necessária a um tipo desta terra, onde tudo é "fita", para embair a humanidade.

Eu sou de uma timidez obstinada. Não posso corrigir-me. E, contudo, preciso modificar-me, fazer "réclame", estudar "pose". Santo Deus! É terrível!"

O Major Graça, num exercício premonitório, adianta argumentos irrespondí-



Wasny de Roure
(PT)

A tecnologia nos fez anunciar o fim do livro com o advento do rádio; o fim do rádio com o advento do cinema; o fim do cinema com o advento da televisão. Pois bem, hoje estamos todos navegando na Internet e continuamos vendo televisão, indo ao cinema, ouvindo rádio e lendo. Entre os meios de comunicação e conhecimento, o livro tem um lugar de destaque: é o único capaz de nos explicar como lidar com todos os outros. E de permitir que cada um de nós crie sua própria história. É ele que nos abre as portas da imaginação. Minha Tiêta, com certeza, não se parece com a sua.



Tadeu Filippelli
(PMDB)

Por mais repetida que tenha sido, chegando à beira do chavão, a sentença de Monteiro Lobato, "Um país se faz com homens e livros"; constitui uma daquelas verdades inquestionáveis, que jamais cairá no esquecimento. Por maior, mais rica e mais desenvolvida que seja uma nação, ela nunca alcançará a plena e total independência se não for assimilada por sua população a cultura transmitida pelos livros.

veis com relação à possibilidade de vitória dos comunistas em 1935: "Viera a derrota - e agora queria persuadir-me de que findara um episódio e a luta ia continuar. Certamente haveria mais precaução no desempenho do segundo ato.

E aquele revés tinha sido conveniente, pois não existia possibilidade de se agüentar no Brasil uma revolução verdadeira. Se ela vencesse internamente, os nossos padrões do exterior fariam a intervenção. Uma escaramuça, portanto. Os ensinamentos adquiridos seriam úteis mais tarde. De qualquer modo era necessário que nos preparássemos." (RAMOS, G., 1979 A, v. 1, p. 82).

E Graciliano estava correto. Enquanto a burguesia dava o golpe em 64, encaminhava-se para o Brasil uma força-tarefa norte-americana - a operação "Uncle Sam" - a fim de nos invadir pelo porto de Santos. Uma força-tarefa que se juntaria aos golpistas verde-amarelos, liderados por Ademar de Barros, Carlos Lacerda e Magalhães Pinto - a fina flor do entreguismo. Observemos, ainda, que o governo de João Goulart, um senhor latifundiário, era apenas humildemente reformista, jamais revolucionário.

O escritor acertou na mosca. Se Jango houvesse reagido - e não reagiu, para não lutar contra sua classe - teríamos os horrores do Vietnã em nosso país. Agora, uma coisa é certa! Os americanos teriam hoje, para lamentar, dois Vietnãs.

Penso que todas essas informações são importantes, para estudarmos o cidadão-escriptor, como

nos dizem Wellek e Warren: "A filiação, atitude e ideologia sociais de um escritor podem ser estudadas não apenas nos seus escritos, mas também, muitas vezes, em documentos biográficos extra-literários. O escritor foi também um cidadão; pronunciou-se, também ele, sobre questões de importância social e política; tomou parte nos sucessos de seu tempo." (WELLEK & WARREN, p. 121).

Podemos acrescentar ainda que o elemento autobiográfico ajuda-nos na compreensão da obra literária, como afirma Afrânio Coutinho (COUTINHO, v. 1, p. 44), e também para o esclarecimento da crítica.

Isso é corroborado por Wellek e Warren (p. 97), quando dizem que a biografia "pode explicar um grande número de alusões, ou até de palavras na obra do autor" e ajudar-nos a compreender a evolução (ou a involução) do escritor e várias outras questões de história literária, como o enquadramento na sociedade da época.

A literatura de Graciliano Ramos é regionalista e universal. Mas um universal que não é abstrato e absoluto com a pretensão de ser válido para qualquer tempo, qualquer sociedade e qualquer época histórica. Não! A literatura graciliânica acontece numa determinada região, o Nordeste brasileiro, em determinada época histórica, fim da década de 20 e em toda a seguinte, no seio daquela sociedade, sofrida sociedade de ontem e de hoje - é literatura concreta e relati-va.

Foi um político, um político socialista, mas sua literatura não é panfletária, não trabalha com teses e concepções apriorísticas.

Graciliano, jamais, a pretexto de fazer literatura, impinge-nos as suas idéias políticas. Como Engels escreveu, numa carta, a Minna Kautsky, acerca do seu romance *Os velhos e os Jovens*: "Os russos e os noruegueses modernos, que escrevem excelentes romances, são todos poetas *de tese*. Mas creio que a *tese* deve brotar da própria situação e da própria ação, sem que seja explicitamente formulada. O poeta não é obrigado a dar já pronta ao leitor a solução histórica futura dos conflitos sociais que descreve". (KONDER, p. 30).

Inclusive, porque o escritor, parodiando Mao-Tsé-Tung, tem a palavra, mas não tem o fuzil.

E o que faz Graciliano com a palavra? Depura a realidade, a fim de que ela surja imediatamente aos nossos olhos - o que não ocorre na vida cotidiana - em sua contrariedade essencial - mostrando-nos as forças reacionárias e o fetichismo.

A visão do mundo de Graciliano é uma visão universalista, um ponto de vista próprio de todo o gênero humano.

Atentou para as agruras do povo, a desagregação, a alienação do sistema capitalista, problemas inerentes a uma divisão social injusta.

Finalizando, os romances de Graciliano Ramos têm uma conceituação feita por ele mesmo e que penso se aplicar à sua obra e à sua vida: *Arte e sangue, e carne*.

Canudos: a revolta de um povo

Canudos é uma marca indelével na consciência do povo brasileiro. Oriundo das terras baianas, do recôncavo, o jornalista Jozafá Dantas invoca as origens, Euclides da Cunha, onde nasceu e, como se fosse um Gregório de Matos Guerra, um "Boca do Inferno" de hoje, mostra em detalhes sua indignação com a carnificina de 1896.

□ **Jozafá Dantas**

As elites estão festejando o massacre de Canudos, ou a Guerra, como preferem chamar os mais tradicionais, que começou no dia 12 de novembro de 1896 e terminou no dia 5 de outubro de 1897, quando o Exército abateu milhares de pessoas sem nenhuma piedade, na maior carnificina jamais vista na história do Brasil. O dia 5 de outubro deveria ser registrado na memória de nossa gente como o "Dia Nacional de Luta dos Sem-Terra", e de todas as pessoas que são exploradas sem nenhuma cerimônia pelo capitalismo selvagem e por políticos inescrupulosos.





Antônio Cafu

(PT)

O livro é um mundo de perspectivas, de prazer, de conhecimentos e de emoções para quem o lê. Nós podemos viajar com as letras, com as gravuras, com os mapas e todas as maravilhosas ilustrações que podem constar de uma publicação. É muito importante que os centros comunitários, as escolas e os parques tenham salas de leitura para propiciar à comunidade o contato inesquecível com o amplo universo que um livro pode conter.



João de Deus

(PDT)

Os livros são grandes mestres que nos ensinam a analisar, criticar, pesquisar e conhecer o mundo, sem sair do lugar. É através da leitura que a população de nosso país desperta para a importância da luta pelos seus direitos e torna-se consciente da necessidade de cumprimento dos seus deveres. A diversidade bibliográfica, o número de livrarias e bibliotecas disponíveis, favorecem o desenvolvimento intelectual e aumentam o nível de exigência das comunidades em geral. O povo que conhece sua história, viajando pelos livros, é capaz de transformá-la.

Até outubro de 1997, o Brasil vai ser sacudido por movimentos sociais e, também, pelas elites, ávidas em perpetuarem a visão distorcida do movimento de Canudos, que, para elas, era simplesmente um bando de desordeiros, capitaneados por um fanático. O ensino brasileiro tem mostrado a visão tradicional, embora nos últimos anos escritores venham tentando resgatar o verdadeiro significado do movimento de Canudos. Esperamos que as escolas brasileiras passem a mostrar os fatos corretos, para que tenhamos uma sociedade mais consciente de sua história. O evento mais esperado é o filme de Sérgio Rezende, estrelado por José Wilker e Marieta Severo, que vai custar cerca de R\$ 7 milhões, e esperamos que conte a história verdadeira.

O movimento - Para entender Canudos é preciso voltar ao passado. Ninguém sabe, ao certo, quando começou realmente o movimento de Canudos. Mas a *Folhinha Laemmert*, anuário editado no Rio de Janeiro, fez o primitivo registro, em 1876, informando que naquele ano "apareceu no sertão no norte um indivíduo que se diz chamar Antônio Conselheiro e que exerce grande influência no espírito das classes populares servindo-se de seu exterior misterioso e costumes ascéticos".

Todavia, em 1874, Antônio Conselheiro já era conhecido na Bahia, acompanhado de vários seguidores. Os ciúmes inerentes à situação o levaram à prisão, na vila de Itapicuru-de-Cima, sob a

acusação de homicídio, sendo mandado de volta ao Ceará, sua terra natal. Ele nasceu no dia 13 de março de 1830, na cidade de Quixeramobim. Inocentado e livre, retornou à Bahia, quando iniciou definitivamente o movimento que mais tarde veio a se chamar Canudos.

O movimento criou volume entre os anos de 1877 e 1887. Na década, Antônio Conselheiro e sua gente cruzaram os sertões, chegando até o litoral baiano, na Vila do Conde. Sua obra, pregação, construção e restauração de capelas, igrejas e cemitérios começou a desagradar aos latifundiários e ao clero. Tanto é que, já em 1886, o delegado de polícia de Itapicuru mandou ofício ao chefe de polícia da Bahia, contando um desentendimento entre o grupo de Conselheiro e o vigário local, já que a igreja tinha passado circular determinando aos párcos proibirem os fiéis de assistir às pregações de Conselheiro. Com o crescimento do movimento, os poderosos ficaram temerosos.

Mas, como andava o resto do Brasil? A situação política e econômica do País era deplorável. Enquanto a Monarquia agonizava, o movimento pela instauração da República crescia a passos largos. A economia vivia o caos, especialmente nos Estados nordestinos, onde a monocultura da cana-de-açúcar era delicada, combinada com a decadência dos grandes latifúndios, enquanto o Sul vivia o início do ciclo do café. A abolição da escravatura em 13 de maio de 1888

não trouxe melhoras à vida do povo brasileiro, nem a Proclamação da República em 1889.

Pelo contrário, a situação ficou mais calamitosa. A República trouxe um desenvolvimento artificial. Rui Facó conta, na sua obra *Cangaceiros e Fanáticos*, editada pela Civilização Brasileira, em 1963, que "com a derrubada da Monarquia, em 1889, na República partilhavam o poder do Estado os latifundiários e a burguesia, ambos se temendo mutuamente. Os primeiros, depois de perderem a escravidão, recebiam perder os feudos; os segundos, sonhando com empreendimentos industriais, ferroviários, modernização da agricultura, necessitavam de braços livres, mas temiam liquidar o regime latifundiário".

Assim, nasceu o primeiro milagre brasileiro - o segundo foi no regime militar no início da década de 70 -, com o surgimento de novas casas comerciais, bancárias e industriais, assim como ferrovias. "O governo republicano provisório - registra Rui Facó, na mesma obra - emitia vagas sobre vagas de papel-moeda na maior inflação monetária de toda a história do País até então. O volume de papel-moeda em circulação duplicou em menos de um ano do novo regime. E surgiram projetos fabulosos para a época. Propunham construir 20 mil quilômetros de estradas de ferro apenas com as concessões outorgadas em 1890, triplicando assim a rede ferroviária nacional. O governo assegurava juros elevados aos construtores. Somente no ano seguinte à Proclama-

ção da República, fundaram-se no Rio de Janeiro 33 bancos, 241 empresas com finalidades diversas”.

Assim, “acumularam-se fortunas fáceis da noite para o dia”, sintetiza Rui Facó. Mas veio logo a seguir a quebra da bolsa de valores, a substituição do marechal Deodoro da Fonseca pelo marechal Floriano Peixoto, e a triste realidade. Os preços dos gêneros alimentícios foram elevados, crescendo 62% entre 1888 e 1890, passando para 118% entre 1891 e 1894. O pagamento, como sempre acontece, fica com o povo. O Nordeste foi a região mais sacrificada, com o despovoamento das fazendas e a escassez de cereais, obrigando a migração de camponeses pobres para o Sul e a Amazônia, onde cresciam a produção do café e da borracha, respectivamente. A participação dos estados nordestinos na pauta de exportação do País caiu de 31,87%, de acordo com Rui Facó, para cerca de 13%. A Bahia, palco da história, perdeu sua participação de 14,3%, em 1857, para apenas 5,06%, em 1897.

Foi em meio à situação dramática do País que o movimento crescia, sob o comando de Antônio Conselheiro. Não se via perspectiva de mudança, pois a burguesia condenava a pequena propriedade. Qualquer levante no campo contra a propriedade feudal era considerado como banditismo, mas Canudos provou que não era a reunião de bandidos, e tinha simpatia das populações rurais, como conta Rui Facó: “Ante o fenômeno Canudos, os senhores das classes dominantes e seus porta-vozes recusaram-se a acreditar na realidade: milhares de párias do campo armados em defesa

da própria sobrevivência, em luta, ainda que espontânea, não consciente, contra a monstruosa e secular opressão latifundiária e semifeudal, violando abertamente o mais sagrado de todos os privilégios secularmente estabelecido desde os começos da colonização européia no Brasil - monopólio da terra nas mãos de uma minoria a explorar a

cola no Crato. Sua educação foi sólida, estudando nos melhores colégios do Estado, como escreveu Edmundo Muniz, no artigo *Canudos: o Suicídio Literário de Vargas Llosa*, uma crítica ao romance *A Guerra do Fim do Mundo*. A saga de Antônio Conselheiro na maior aventura literária do nosso tempo, escrita pelo peruano Mário Vargas Llosa, editada

prudentes encherem as religiões, povoarem os desertos, deixarem as riquezas e desprezarem o mundo. Assim sucedeu a Thomas Morus, chanceler-mor de Henrique VIII. Foi este ministro condenado à morte por não querer seguir a heresia; e indo-lhe falar no cárcere sua mulher para o perverter, lhe perguntou aquele sábio: — Quantos anos poderei viver? Respondeu ela que vinte e ainda mais. Concluiu ele assim: — Vindes me persuadir que troque vinte anos de vida por uma eternidade de penas! Se dissésseis vinte mil anos, diríeis muito pouco, pois a respeito da eternidade era nada. E assim sacrificou a vida em defesa da religião católica”.

“Se Antônio Conselheiro - continua Edmundo Muniz - conhecia a vida de Thomas Morus, não poderia deixar de conhecer a *Utopia*, a obra que o imortalizou. Admirava-o não só por suas idéias, como também pela obstinação com que as defendeu. Esta obstinação servia de exemplo para ele e para todos os fiéis da causa que abraçaram. Na *Utopia* estava a origem histórica e ideológica de Canudos”.

Edmundo Muniz concluiu: “Os movimentos igualitários são todos parecidos tanto no campo das idéias como no campo da ação. Antônio Conselheiro tinha um pouco de Thomas Morus, de Thomas Munzer, de Pugachev, de Fourier e de Owen. Por força do momento histórico em que viveu, há, em seu movimento, a fusão das idéias que promoveram os levantes igualitários dos séculos XV, XVI, XVII e XVIII com as utopias do Renascimento e do século XIX”. Edmundo Muniz compara Conselheiro a Emiliano Zapata, líder popular do México.

Os famintos de Canudos foram os primeiros sem-terra do Brasil

A Monarquia considerava um crime contrariar os do poder, especialmente os donos das terras

imensa maioria. Era este o mais nefando dos crimes contra a ordem dominante...”

Antônio Conselheiro tinha plena consciência dos problemas do País e de sua gente. Antes de iniciar sua peregrinação pelas terras do Nordeste, ele foi comerciante, depois caixeiro de Sobral, escrivão de Juiz de Paz em Campo Grande, solicitador (advogado, defendendo os pobres) em Ipu e mestre-es-

pela Livraria Francisco Alves Editora (RJ), em 1981, esta uma obra estéril sem nenhum valor histórico e contrária aos valores do povo nordestino.

A boa formação cultural de Antônio Conselheiro fica patente num trecho de suas *Prédicas*, citada por Edmundo Muniz: “É inútil - dizia Antônio Conselheiro - considerar-se a eternidade, e esta consideração foi a que fez muitos varões sábios e



Marco Lima
(PSDB)

A cultura é o ceme de um povo, é a alma, como bem definia o escritor Fernando Pessoa. E a perpetuação da cultura se faz através do registro sistemático em livros e escritos que atravessam o tempo, que se constituem na história das nações e de seus habitantes. Brasília viveu recentemente uma festa da cultura com a realização da XV Feira do Livro, no Pavilhão de Exposições do Parque da Cidade. Mais de 400 mil pessoas visitaram os stands das editoras. Brasília viveu uma grande festa das letras.



Renato Rainha
(PL)

Literatura, no conceito de Manuel Bandeira, "é a alma de um povo escrita em verso e prosa". Sendo assim, não pode ser negada à população o acesso ao livro, ao conhecimento da produção artística formadora da cultura que personaliza, tipifica uma nação, sob o risco da alienação total, da subjugação. A democratização do livro é o primeiro passo para uma revolução cultural no Brasil. Em outras palavras, bibliotecas para toda a comunidade, da criança ao adulto, em todos os níveis sociais; valorização do escritor, quer na publicação das obras, quer em sua divulgação; formação de professores em língua, literatura e artes para atendimento ao povo.

O conflito - Contrariar os do poder, especialmente os donos das terras, era um crime, considerado pela Monarquia. Assim, com o intuito de se livrar do pregador, Antônio Conselheiro foi preso, já em 1876, e mandado de volta para o Ceará, sob a acusação de ter cometido crimes, dos quais as autoridades de Fortaleza não encontraram provas. Comprada a sua inocência, já que as acusações eram caluniosas e difamatórias, Antônio Conselheiro retorna à Bahia, para perto de sua gente, que o amava. Essas perseguições, entretanto, não o intimidaram. Ele continuou a pregar e a juntar mais pessoas ao seu redor.

Como não conseguia calar Antônio Conselheiro, em 1887 a Diocese da Bahia pede ajuda ao Presidente da Província, acusando-o de estar "pregando doutrinas subversivas, fazia um grande mal à religião e ao Estado". Foi solicitada uma vaga num hospício no Rio de Janeiro, mas a resposta foi de que não havia vagas. Antônio Conselheiro, a despeito da inveja da igreja e do temor das elites, continuou a reunir multidões, a construir suas igrejas, cemitérios e a peregrinar pelos sertões baianos. "O Conselheiro continuou sem tropeços na missão perversa, avultando na imaginação popular. Apareciam as primeiras lendas. Não arquivaremos todas. Funda o arraial do Bom Jesus; e contam as grandes assombradas que em certa ocasião, quando se construía a belíssima igreja que lá está(...)",

escreve Euclides da Cunha, na sua obra *Os Sertões*.

O movimento foi crescendo, formado com gente de diferentes atividades: artesãos, pequenos proprietários expulsos de suas terras pelos grandes ou pelo fisco, emigrantes, alforriados, escravos fugitivos, elementos de todas as camadas sociais, que eram seduzidos pelos ensinamentos do Conselheiro. Ele inspirava confiança, e por isso muita gente vinha de longe para pedir-lhe conselhos. "Apoiado em seu cajado - descreve Edmundo Muniz -, caminhava de arraial em arraial, de cidade em cidade, pregando a salvação dos homens por meio das boas ações. Totalmente independente do governo e da igreja, combatia a escravidão, opondo-se à ordem social baseada no latifúndio e na exploração dos camponeses".

A burguesia, a igreja e o governo tinham medo de Antônio Conselheiro. Mas a convivência ainda não tinha se agravado ao ponto de se iniciar uma guerra. Mas, no ano de 1893, um fato inusitado vai iniciar a mais cruel destruição de uma comunidade. Euclides da Cunha afirma que Antonio Conselheiro "viu a República com maus olhos e pregou, coerente, a rebeldia contra as novas leis. Assumiu desde 1893 uma feição combatente inteiramente nova". Neste ano, o governo decretou a autonomia dos municípios, autorizando-os a cobrarem impostos no interior.

"Decretada a autono-

mia dos municípios - escreve Euclides da Cunha -, as Câmaras das localidades do interior da Bahia tinham afixado nas tábuas tradicionais, que substituem a imprensa, editais para a cobrança de impostos. Ao surgir esta novidade, Antônio Conselheiro estava em Bom Conselho. Irritou-o a imposição, e planeou o revide imediato. Reuniu o povo num dia de feira e, entre gritos sediciosos e estrepitar de foguetes, mandou queimar as tábuas numa fogueira, no largo". Depois foi embora com sua gente para Monte Santo.

O fato pode ter desagradado as chamadas autoridades, mas a insurreição contra a cobrança de impostos agradou aos menos favorecidos, na visão de Rui Facó: "Conquistava assim as simpatias não somente dos pobres, mas também daqueles que, possuindo uma nesga de terra e algumas reses, mal assegurando com isto o sustento da família, não podiam, de forma alguma, satisfazer absurdas exigências fiscais - os pequenos proprietários".

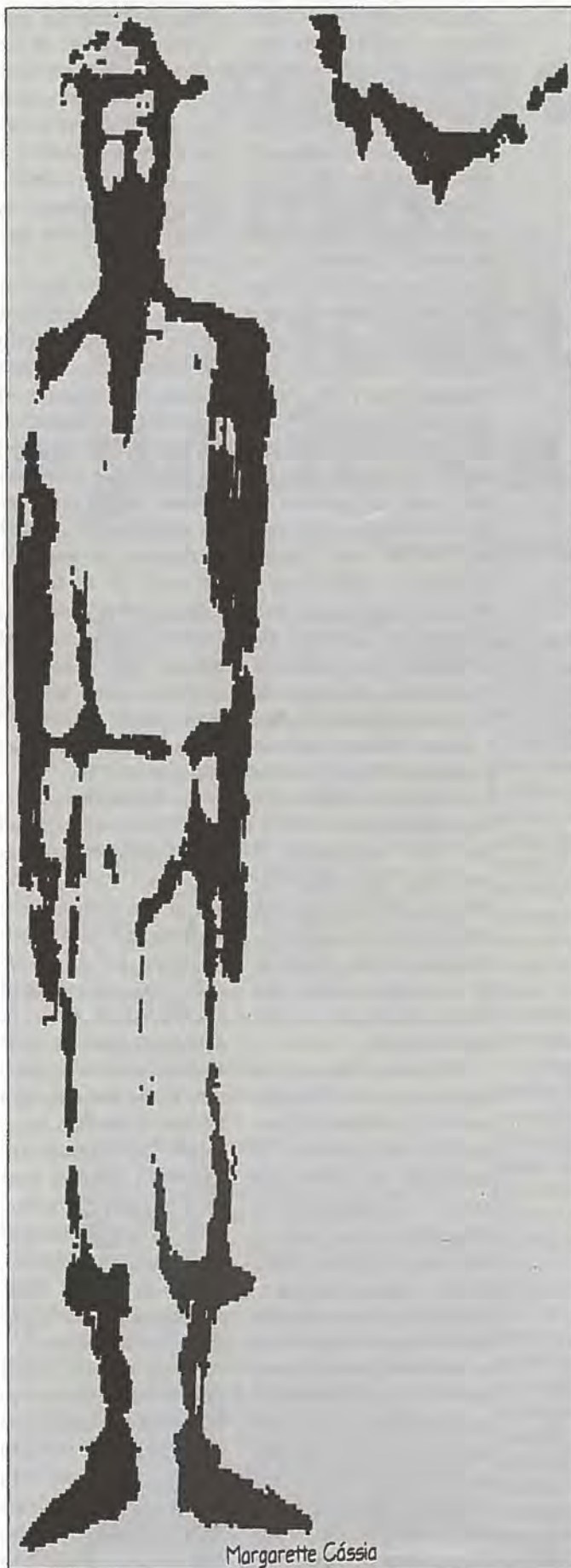
A repercussão do fato, segundo Euclides da Cunha, desagradou os mandarins da Capital do Estado. Assim, decidiu-se mandar um destacamento de 30 soldados para combater Conselheiro e sua gente. O combate aconteceu na localidade de Massete, entre Tucano e Cumbe (atual Euclides da Cunha), onde as forças policiais foram vencidas. Temendo o desdobramento do acontecido, Antônio Conselheiro, que

conhecia o sertão devido a suas andanças por 20 anos, levou o seu pessoal para a fazenda Canudos, que estava abandonada, batizando-a de Belo Monte, situada entre as serras de Canabrava, Cocorobó, Calumbi, Cambaio e Caipã, tendo ainda o rio Vaza-Barris, e a estrada de ferro a 200 quilômetros, na cidade de Queimadas.

Canudos cresceu rápido. Vinha gente de todas as cidades próximas. Pessoas que vendiam o que tinham e tocavam para Canudos. "Os raros viajantes que arriscavam a viagens naquele sertão, topavam grupos sucessivos de fiéis que seguiam, ajoujados de fardos, carregando as mobílias toscas, as canastras e os oratórios, para o lugar eleito. Isolados, a princípio, essas turmas adunavam-se pelos caminhos, aliando-se a outras, chegando, afinal, conjuntas, a Canudos", descreve Euclides da Cunha.

"Na cidade em crescimento - conta Edmundo Muniz - reinava a ordem e a tranqüilidade. Não existiam autoridades policiais, nem cobradores de impostos. Não havia lugar para tabernas, nem para prostíbulos. As bebidas alcoólicas eram expressamente proibidas. As mulheres não precisavam se prostituir para ganhar a vida. Na divisão do trabalho não existiam mulheres ociosas: além de trabalharem no campo e tratarem dos rebanhos de ovelhas, fiavam, faziam objetos de cerâmica, bem como cestos, bolsas e esteiras de palha".

Em Canudos, de acordo com Edmundo Muniz, "vigorava a propriedade coletiva da terra, das pastagens, dos rebanhos, das plantações. A propriedade individual cin-



Margarette Cássia

gia-se aos objetos de uso pessoal, aos móveis e à moradia. Os produtos do trabalho artesanal, bem como a produção agrícola e pastoril pertenciam à comunidade, recebendo os artesãos, os vaqueiros, os agricultores uma quota de acordo com as necessidades de cada um".

A produção de Canudos era a materialização dos sonhos dos miseráveis e famintos. "Na faixa verde que circunda a cidade, cultivava-se mandioca, milho, feijão, batata, abóbora, melancia, o indispensável para a manutenção do povoado, garantindo o seu auto-abastecimento", narra Edmundo Muniz. A produção excedente era vendida nos municípios vizinhos. O povoado produzia, ainda, sua ferramenta, como foices, enxadas, facões, agulhadas, entre outros; também se produzia a pólvora. Surgiu, ainda, a indústria de couro curtido, que chegou a ser exportado para a Europa.

A prosperidade de Canudos foi a causa responsável por sua destruição precipitada. Para concluir as obras da igreja nova, Antônio Conselheiro encomendou um carregamento de madeira em Juazeiro. Expirado o prazo para entrega da mercadoria, Antônio Conselheiro se propôs a ir buscá-la. Mas, como o Juiz de Direito do município, Arilado Leni, era seu velho desafeto, já que na queima das tábuas dos impostos em 1893, em Bom Conselho, ele era o juiz da comarca, telegrafou à Capital alardeando que o Conselheiro tencionava assaltar a cidade. Foram enviados pouco mais de 100 praças, em novembro de 1896, para combater os camponeses.

No dia 12 de novembro,



Edimar Pireneus
(PMDB)

Vivendo a era da Internet, quando cidadãos de todos os cantos do mundo já podem se comunicar através do computador, não podemos ignorar uma realidade: apesar do avanço da comunicação, o livro continua a ser, indiscutivelmente, o principal instrumento de transmissão do conhecimento e da cultura. É fundamental, por isso, que trabalhem para sua difusão. Precisamos ampliar os índices de produção de livros no país, tradicionalmente muito inferiores aos dos países onde a educação e a cultura recebem a devida prioridade.



Miquéias Paz
(PC do B)

A maioria dos visitantes vai a Corumbá para ver de perto a imponência da queda d'água da cidade. Mas nem tantos assim vão até lá atraídos pelas janelas antigas, pelas portas de duas folhas, pelas senhoras anciãs debruçadas em parapeitos, pela igreja barroquinha e pelo jeito interminável com que se arrastam as horas no calor da cidade. Corumbá de Goiás é, sem dúvida, uma das mais belas e atraentes paragens das vizinhanças de Brasília.

a tropa segue para Canudos, com a missão de destruí-la. Assim, começava a guerra que se estenderia até o dia 5 de outubro de 1897. Como aconteceu com o combate de 1893, a tropa foi vencida. Em dezembro do mesmo ano de 1896 é enviada a segunda expedição, com cerca de 557 homens, armados até os dentes, mas também é derrotada. Em fevereiro de 1897 vai a terceira expedição, com 1.300 homens, e também é vencida. Em junho de 1897 parte a quarta e última expedição, com mais de 4.000 homens. Depois de batalhas sangrentas e desiguais, porque os moradores de Canudos enfrentavam os soldados com facões, espingardas de matar passarinhos, pau e pedra, contra canhões e armas de fogo, Canudos é tomada de assalto no dia 5 de outubro de 1897. No dia seguinte é destruída. Foi a maior carnificina, pois mesmo vencidos, mulheres, velhos e crianças foram abatidos. Se era uma guerra, não houve o mínimo respeito aos vencidos.

Na época, houve manifestos contra o "massacre" de Canudos, especialmente pelos alunos da Faculdade de Direito da Bahia. Rui Barbosa também protestou. Mas a imprensa da época tinha ficado contra Canudos. Vamos buscar emprestada novamente a narrativa de Rui Facó, extraída do jornal *O País*: "Ao iniciar-se a Campanha de Canudos, a imprensa das classes dominantes destacava como um fato clamoroso esta expressão de rebeldia sertaneja, sendo obri-

gada a reconhecer que a "fama e o poder de Conselheiro incrementaram-se de modo extraordinário... Antônio e seus adeptos compareceram à feira realizada em Missão de Itapicuru... Começou açulando o povo a não pagar impostos".

Como disse Rui Facó, os seguidores de Conselheiro "travaram uma luta de classes. Inconscientemente, não importa, mas uma luta de classes" contra a opressão semifeudal do latifúndio, a miséria e a fome. Não foi um "foco de superstição e fanatismo", como foi espalhado no País. "A epopéia de Canudos ficará em nossa história como um patrimônio das massas do campo e uma glória do movimento revolucionário pela sua libertação", conclui Rui Facó.

O renascimento - O governo destruiu a gente de Canudos, mas não acabou com a sua história. Por muito tempo os historiadores faltaram com a verdade, talvez levados pelo vírus da corrupção. Como disse Edmundo Muniz, "todos os conhecedores da história sabem que Canudos não se sublevoou. Canudos foi atacado. Não houve insurreição em Canudos, houve uma intervenção militar e sem nenhuma base jurídica. Ninguém jamais contestou este fato, monarquistas e republicanos, juristas e escritores".

A partir de agora, quando se comemora os 100 anos do massacre de Canudos, que a história seja contada de forma verdadeira. A imprensa vem mudando o enfoque, que será de grande valia

para esclarecer à população os verdadeiros motivos do movimento de Canudos. A *Folha de São Paulo*, edição de 25 de dezembro de 1992, tem um título interessante: "Canudos renasce das cinzas de Conselheiro", onde o repórter Elvis César Bonassa conta o ressurgimento de Canudos, tendo como um dos pilares o Padre Enoque, um líder de base da igreja. Seguindo os mesmos passos, *O Estado de São Paulo*, jornal que fez a cobertura do massacre com Euclides da Cunha, também estampa: "Saga de Canudos ressurgiu da fé e das cinzas", na edição de 4 de agosto deste ano, matéria assinada pelo repórter Jotabê Medeiros. Ao que tudo indica vai ser restabelecida a verdade dos fatos.

A introdução da matéria nas escolas é de fundamental importância para a propagação desse movimento, como já vem acontecendo em Euclides da Cunha. É preciso, também, que o dia 5 de outubro seja consagrado como o Dia Nacional de Luta pelos Sem-Terra ou por todo aquele que se acha marginalizado, explorado pelo engodo dos governos ditos democráticos. A sociedade precisa tomar cuidado, porque muitas Canudos estão para surgir num futuro próximo, pois, apesar da televisão, da informática, da Internet, as desigualdades sociais, a fome, a miséria continuam criando legiões de conselheiristas.

* Jozafá Dantas, jornalista e advogado, nasceu em Euclides da Cunha (BA).

A música como caricatura política

□ Renato Vivacqua

Os políticos brasileiros sempre serviram de inspiração aos compositores populares. Alguns, como Getúlio Vargas, consagraram este estilo transformando-se em alvo de marchinhas picantes. Outros, sabendo da força que a música tem junto ao povo, chegaram a fazer encomendas pessoais. Tudo na surdina.

A história oficial de um país é sempre idólatra, ufanista, apologética e parcial. E isso não é escapismo só nosso, estamos bem acompanhados na escamoteação. O indômito General Custer, herói americano imbatível em filmes e livros, quis fazer do massacre indígena plataforma política para chegar à Presidência. O tiro, ou melhor, a flexada, saiu pela culatra e seu exército acabou dizimado. Kipling, o doce escritor, e Baden Powell, o fundador do escotismo, foram imperialistas ferrenhos. Alfredo Nobel tentou fundar um Instituto de Eutanásia. Wellington derrotou Napoleão e no currículo ordenou o massacre de operários. A lista é por demais cansativa. Os nossos vultos históricos não fogem à regra. São destemidos super-homens, imaculados, sem um humano deslize. A MPB vem fazendo até hoje eco às versões do poder, com raras exceções. A maioria dos sambas-enredos não passa de louvaminha. Santos Dumont, gênio incontestável, tem, sem dúvida, muita empatia e carisma. Escritores respeitáveis como Marcio de Souza e Francisco Assis Barbosa se interessaram por sua personalidade. A música popular não ficou insensível ao seu fascínio, sendo um dos personagens mais abordados. Seu suicídio em 1932 parece segredo de Estado. Espalhou-se a pueril versão de que morrera de desgosto por ter sua invenção se transformado em arma destruidora. É certo que o avião não lhe trouxe a compensação esperada. É-lhe atribuída uma frase: "Prefiro ficar cego a ver bombardeios aére-

os". Em 1928, ao voltar definitivamente ao Brasil, assistiu do convés do navio à queda do avião com seu nome, que conduzia amigos, no mar. Entrevistado por Assis Chateaubriand em 1929 declarou entusiasmado ao repórter: "Dado ao estado atual da navegação aérea, reputo o hidroavião mais prático para o Brasil, pondo o litoral em comunicação permanente com o sertão". "Falou-me ainda, conta Chatô, com entusiasmo, no desenvolvimento da aviação entre nós, acompanhando tudo com carinho e vivo interesse". Como curiosidade o entrevistador revela que Santos Dumont falava em voltar à Europa para fazer experiências no inverno com seu transformador marciano. A engenhoca era um aparelho baseado na eletricidade destinado a ajudar o homem a marchar e praticar alpinismo, subir ladeiras, escarpas e montanhas, "como se carregasse asas sob os braços". O aparelho transmitia poderosa força aos músculos através de estímulos elétricos. Recentemente a ciência criou um estimulador baseado nos mesmos princípios e que tem auxiliado paráliticos. Na verdade o que o levou ao desatino foi uma inexorável doença do sistema nervoso; esta sim, minou-lhe o organismo, incoordenou-lhe as mãos, embaçou-lhe os olhos e tornou-o um ancião aos 59 anos. Continuou porém o engodo de fazê-lo gritar "Shazam". Parece ser de 1903 a primeira manifestação musical onde seu nome aparece e que foi cantada pelo emocionado autor, o cantor Eduardo das Neves, muito popular na



Adão Xavier
(Sem Partido)

A humanidade desenvolveu métodos de comunicação dos mais variados. No entanto, nenhum elemento tem maior abrangência na transmissão do pensamento e do conhecimento humano do que o objeto de materialização da literatura. Adaptado para os mais diversos segmentos, o livro pode ser expressão, arquivo, alavanca para o desenvolvimento, emoção, fantasia, aventura... Faz-se mister, então, que a todos seja permitido o acesso ao livro.



Geraldo Magela
(PT)

A literatura é instrumento fundamental na construção de um país que se respeita e valoriza suas manifestações culturais. Através dos livros a história de um povo é contada, preservada e transmitida por diversas gerações. Por isto mesmo, a administração pública pode e deve criar mecanismos que permitam a divulgação dos escritores brasileiros. O Projeto de Lei nº 757/95, de minha autoria e da deputada Lúcia Carvalho, cria a Bolsa Brasília de Produção Literária, na perspectiva de tornar isso possível no DF.

época. A composição era bem intencionada, apesar de bombástica, e fez muito sucesso. Em 1907, João do Rio escreveu que o Rio tinha sete prazeres, citando o jogo do bicho, o maxixe, o cinematógrafo e a propaganda "A Europa curvou-se ante o Brasil". Eis a laudativa letra da cançoneta "Homenagem a Santos Dumont", também conhecida como "A Conquista do Ar" e batizada pelo povo como "A Europa curvou-se ante o Brasil".

A Europa curvou-se ante o Brasil
E clamou parabéns em meigo tom
Surgiu lá no céu uma estrela
Apareceu Santos Dumont.

Terra adorada, és meu Brasil
Ô terra amada, de encantos mil.

Salve estrela da América do Sul
Terra amada do índio guerreiro
A maior glória do século vinte
Santos Dumont - um brasileiro.

Terra adorada, etc, etc.
O Brasil, cada vez mais poderoso,
Menos teme o rugir fero do bretão;
É forte nos campos e nos mares
E hoje nos ares com seu balão.

Terra adorada, etc., etc.

A conquista do ar que aspirava
A velha Europa, poderosa e viril,
Rompendo o véu que a ocultava
Quem ganhou foi o Brasil!

Terra adorada, etc., etc.

Por isso o Brasil tão majestoso,
Do século tem a glória principal
Gerou no seu seio o grande herói
Que hoje tem um renome universal.

Terra adorada, etc., etc.

Assinalou para sempre o século vinte,
O herói que assombrou o mundo inteiro:
Mais alto que as nuvens, quase Deus
É Santos Dumont - um brasileiro.

Em 1973 a Escola de Samba Imperador do Ipiranga desfilou com "Asas ao homem e glória ao Brasil" de Rosita de Almeida, onde relembra Eduardo das Neves:

Em 1873 no Brasil nasceu
Uma criança que o mundo inteiro conheceu
O sonho de voar em realidade se tornou
Quando no espaço esse homem se elevou.
Ô, ô, Ô, ô, a Europa ante o Brasil se

curvou
Ô, ô, Ô, ô, e o sonho de um brasileiro realizou.

Santos Dumont a Escola homenageia
O teu feito varonil
Cantando em samba quem deu asas para o homem
E glória ao nosso Brasil.

Voltemos ao passado. Em 1928 foi homenageado com uma ode intitulada "Condor Brasileiro" do Dr. Sabino Campos e Caninha:

Com a idéia no infinito
Santos Dumont volta à pátria,
Cheio de amor e de glória
Salve! Condor brasileiro.
Que o céu voou primeiro
Entre os sábios e os heróis
Herói e sábio profundo
Santos Dumont é o maior,
Porque deu asas ao mundo.
Hoje assiste o mundo inteiro
Com os olhos no céu de anil,
A maravilha do século,
E a grandeza do Brasil.

Em 1938 foi a vez de Antenor Gargalhada compor o confuso "Asas para o Brasil":

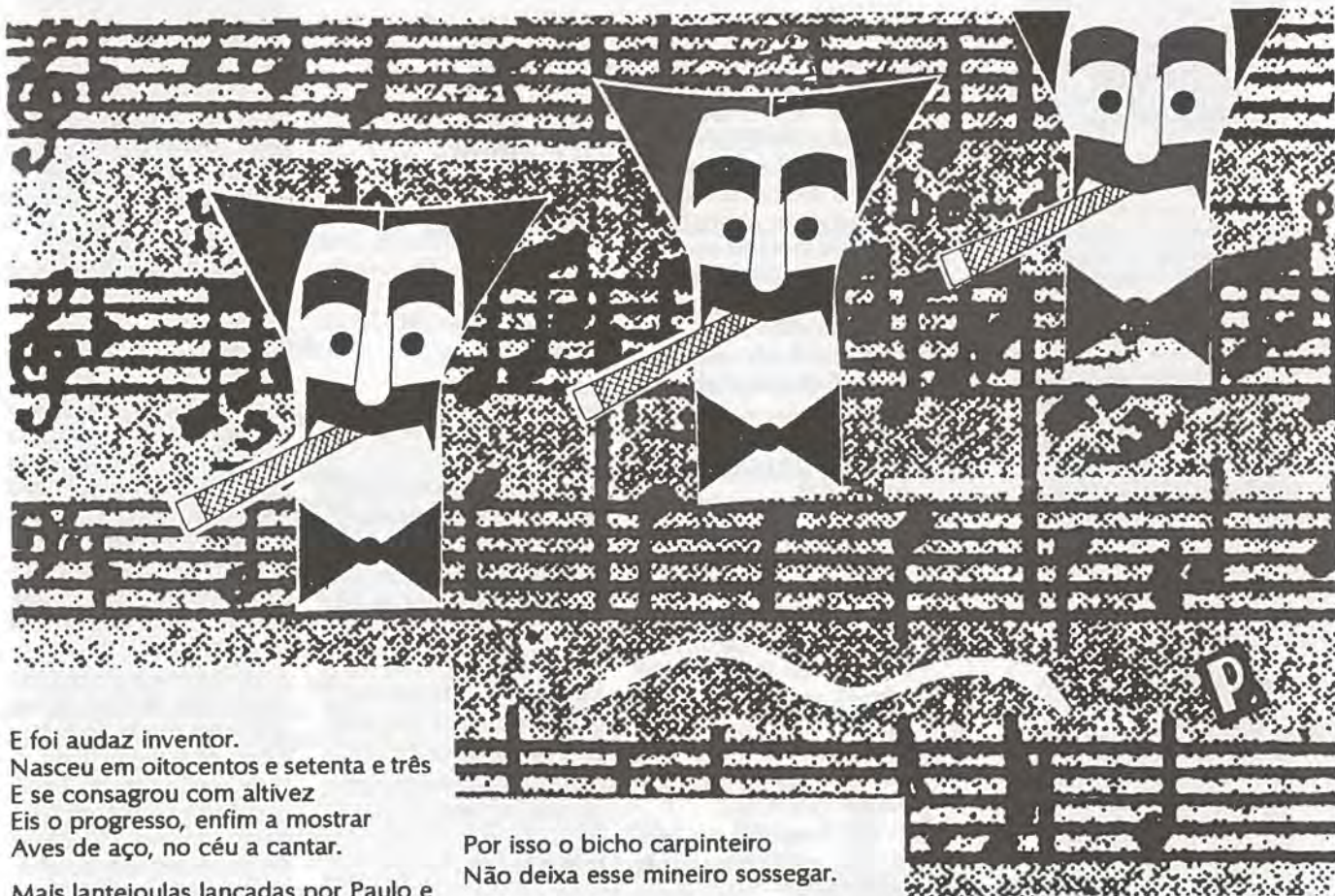
Vimos apresentar artes que alguém não viu
Mocidade sã, céu de anil
Dai asas ao Brasil
Tenho orgulho desta terra
Berço de Santos Dumont
Nasceu e criou, viveu e morreu
Santos Dumont, Pai da Aviação.

De dois respeitáveis de nossa MPB, Ataulfo Alves e Wilson Batista, é a salda-exaltação "Terra Boa", onde sem-cerimoniosamente adulavam o "destemido" Getúlio Vargas:

Terra de Santos Dumont, Carlos Gomes,
Rui Barbosa,
Grande Duque de Caxias, Castro Alves,
Noel Rosa
Tem ainda um grande homem, destemido e braço forte,
Por essa terra dou meu peito à própria morte.

Em 1946, agora com Aldo Cabral, Ataulfo volta a citá-lo na marcha-hino "Santos Dumont". Mais uma vez versos precários e um insólito avião canoro:

Alberto Santos Dumont, nome de exemplo e valor.
Jovem ainda viu o seu dom...



E foi audaz inventor.
Nasceu em oitocentos e setenta e três
E se consagrou com altivez
Eis o progresso, enfim a mostrar
Aves de aço, no céu a cantar.

Mais lantejoulas lançadas por Paulo e
Tito Patrício:

Mineiro pra lá de bom,
Foi o grande inventor Santos Dumont.

"A 80 km por hora", cantada por Fran-
co, faz-lhe menção:

Não vou chegar nas asas de Dumont
Não vou falar nos fones de Granhan
Bell.

Os caipiras (ou sertanejos?) Juquinha
e Silveira, exageraram na dose, trans-
ferindo-lhe o epíteto da Princesa Isa-
bel:

Perto do Belo Horizonte,
Nesta terra interessante,
Nasce Santos Dumont,
Para a nossa redenção.
Ele foi pro estrangeiro,
Com a fibra de mineiro
Este grande brasileiro
Foi o Pai da Aviação.

Clécio Caldas e Armando Cavalcanti
compuseram em 1958 "Bicho Carpin-
teiro", onde contavam de onde JK her-
dara sua atração pelas andanças aéreas:

O Pai da Aviação era mineiro
Nasceu com a mania de voar

Por isso o bicho carpinteiro
Não deixa esse mineiro sossegar.

O samba-enredo de Darcy da
Mangeira, Helio Turco e Jurandir, de-
nominado "Modernos Bandeirantes",
reserva um trecho para ele:

Santos Dumont
Hoje o mundo reconhece
Que você também merece
A glorificação.

Aparece na apologia mineira de Luiz
Wanderley e Elias Soares:

Quem pensar que o mineiro é bobo
Vai cair na boca do lobo
Foi lá em Minas que deu Tiradentes
Seis presidentes e Santos Dumont.

Eis outro apanágio dos marqueteiros
de Minas: "Mineiro é boa gente", de
Tupi e Luiz de Castro:

Dois grandes nomes da história
Santos Dumont e Tiradentes
Por aí vocês já sabem
Que mineiro é boa gente.

Por fim o samba "O Pai da Aviação",
de João Colares, desfile de mesmice:

No dia vinte e três de outubro

De mil novecentos e seis
Santos Dumont conquistava o ar
Sob aplausos do povo francês.
Ficou famoso o seu 14 Bis
Foi o início da evolução
O mais pesado dirigido no ar
Por Santos Dumont, o Pai da Aviação.

Pelo que foi mostrado o leitor con-
cluirá que nosso protagonista está por
merecer homenagens mais inspiradas.
Em outubro de 96, noventa anos terão
decorrido de quando esse franzino,
introspectivo e denodado brasileiro,
que almejava cativar a aristocracia fran-
cesa, apesar de sua origem interiora-
na, voou no 14 Bis. Polêmico até ao
morrer. Seu suicídio, enforcado com
uma gravata, deu-se durante a Revolu-
ção Constitucionalista de 32. Getúlio
foi acusado pelos paulistas de tê-lo le-
vado à depressão ao usar o avião como
arma de guerra. O governo federal di-
vulgou a versão da "morte natural", que
foi o que constou do atestado de óbi-
to. Eu, particularmente, faço minhas as
palavras de Gilberto Freire sobre ele:
"Nunca um brasileiro foi uma tão com-
pleta glória universal, consagrado pe-
los sábios, reis e artistas".



Câmara Legislativa
do Distrito Federal
Vice-Presidente:

José Edmar Cordelro

Coordenador de Editoração e
Produção Gráfica: Nelson Pantoja
Editor DF Letras: Chico Nóbrega
Projeto Gráfico: Cláudio Gardin
Programação Visual: Marcos Lisboa
1ª e 4ª Capa: Margarette de Cássia
(com base em ilustrações de Rosário Fusco e

Aldemir Martins)

Fotografia: Silvio Abdon

Carlos Gandra e Fábio Rivas

Revisão: Vania Maria Codeço

Velloso e Anamaria Silva Pinheiro

Ilustração:

Ana Caçador, Margarette de Cássia,

Cláudio Gardin e Marcelo Perrone

Digitação:

Edivaldo Camelo da Silva e Gilberto

Lucas

Coordenadoria de Editoração e

Produção Gráfica:

Márcia Machado, Oscar Monterrojas

e Valter Gonçalves

Chefe da Seção de Editoração:

Gilmar Martins Borges

Equipe:

Antônio Eufrauzino, Apolo

Guandalini, Cláudio de Deus,

Francisco Dino, Hélio Araújo, José

C. de Sousa, Nelci Stein e Nilza

Márcia Gerin

Chefe da Seção Gráfica:

Randal Martins Junqueira

Equipe:

Abimael Amorim, Adelton Godoy,

Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de

Macedo, Celso Santana, Denilson

Caldas, Edson de Lima, Glacy

Barrozo, Jonas Martins, José

Gomes, José Bergamaschi, José de

Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz

Fidyk, Raimundo Nonato T. Carvalho,

Reinaldo Andrade, Rogério Muniz,

Vicente Lima e Wilton Pimentel

Tiragem: 5 mil exemplares

Esta edição compreende os meses de
julho e agosto, números 29 e 30.

Os autores das matérias publicadas
não recebem qualquer valor
pecuniário e é de sua inteira
responsabilidade o conteúdo das
mesmas.

Redação:

Coordenadoria de Editoração e

Produção Gráfica

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8316

Câmara Legislativa do

Distrito Federal

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Fone: (061) 348-8000

Assinante

Venho por meio desta
solicitar de V. S. um exem-
plar da revista cultural DF
LETRAS e, se porventura
houver probabilidade de
enviarem-me algum outro
material literário ou cultu-
ral, ficarei imensamente
grato.

Atenciosamente,

Israel Antunes Vieira - SP

N.R. - Já incluímos sua so-
licitação em nossa lista de
assinantes.

Reconhecimento

Sou leitor da revista
cultural de Brasília "DF
Letras", ainda em seus pri-
meiros números. Agora
em seu novo formato, a
revista, pujante, está bem
melhor que antes.

Sou formado em His-
tória e esta revista tem
contribuído muito para
mim no sentido de conhe-
cer melhor a cultura e a
história de nossa capital
e também seu Entorno.
Leio e arquivo a revista
para eventual pesquisa.

Devido à grande im-
portância desta revista
em minha vida cultural,
faço público meu reco-
nhecimento.

A todos que de alguma
forma contribuem para
que este trabalho seja
possível, os meus agrade-
cimentos.

Vítor Alves Peixoto - MG

Estórias

Li e apreciei muitíssimo
o artigo Luzia Tereza
- A Contadora de Estórias,
do nº 25/26 da revista
DF LETRAS, editada pela
Câmara Legislativa do
Distrito Federal.

Gostaria de saber se as
estórias de D. Luzia foram
compiladas em livro e da

possibilidade de se obter
o livro, caso exista.

Mª Cleide R. de Miranda
- GO

N.R. - O Livro de Luzia
Tereza foi publicado pela
Editora Thesaurus, ende-
reço: SIG Quadra 08, Lote
2356 - CEP - 70610-040 -
Brasília-DF, Tel.: (061)
344-3738, Fax: (061) 333-
2353.

Doce voz

Fiquei apaixonado,
na "Casa do Cantador",
com a doce voz da
apresentadora que vo-
cês, sabiamente, arru-
maram para a solenida-
de. Que postura ele-
gante daquela menina.
O nome dela é Ana Ma-
ria, não é mesmo? Ain-
da ouço suas palavras
e sua voz angelical...

J. Edgar - DF

Qualidade

O Instituto de Filosofia
e Teologia de Goiás,
Ifiteg, esteve contando
com a publicação "DF -
Letras - Revista Cultural de
Brasília". Queremos para-
benizar pela publicação
de muito boa qualidade
da revista, com conteúdo
enriquecido no campo da
cultura.

O Ifiteg deseja ser in-
cluído entre os assinantes
da revista, para que a
mesma figure entre os
periódicos de nossa bibli-
oteca. Caso possamos ser
premiados com o envio
da mesma, desde já
agradecemos. Nosso en-
dereço para ser colocado
junto aos demais segue
abaixo.

Com votos de êxito na
continuidade desta publi-
cação.

Atenciosamente,

Gil Barreto Ribeiro - GO

Interior

Moro no meio rural,
gostaria muito de receber
esta revista aqui, preciso
muito de informação!!

Agradeço intensamen-
te vossa atenção.

Marciano Avelino dos
Santos - RO

Esquecimento

Vim agradecer-lhe a
publicação do meu artigo
sobre a esquecida
Ondina Ferreira que saiu
no último número do DF-
LETRAS - excelente edi-
ção. Há 6 meses esse ar-
tigo esperava oportuni-
dade num dos jornais
brasilienses!

A imprensa de Brasília
ainda não se deu conta
que essa moda do jorna-
lismo pós-modernista já
passou há tempos! Atual-
mente, a Folha de São
Paulo, que foi a vanguar-
da, publica o extraordiná-
rio Mais! Para não ficar
atrás, o Estadão solta se-
manalmente 6 páginas de
Cultura. O Jornal do Bra-
sil continua firme com o
seu "Livros - Idéias" e o
Globo acaba de lançar o
seu semanal Prosa & Ver-
so. Até a Gazeta Mercan-
til já está apresentando às
sextas o seu "Fim-de-Se-
mana" cultural. Será que
esta mudança ainda não
foi percebida pela im-
prensa diária de Brasília?
... A capital política deve
ser culturalmente caipira?
Obrigado e parabéns,
caro Pantoja.

Cassiano Nunes - DF

Samba

Recebi e agradeço
o envio de "DF Letras"
nº 25/26. É um excelente
trabalho literário. Quero
parabenizá-los. Muito
bom "Na Batida do Sam-
ba".

Um fraterno abraço,

Osael de Carvalho - RJ



ARCA DA POESIA

É o título do primeiro livro publicado pelo poeta Noé Martins de Melo, morador de Samambaia, cidade-satélite de Brasília. O poeta Noé é uma dessas pessoas que nos causa admiração. Aos 43 anos, Noé tem apenas a segunda série do 1º grau e atualmente é pedreiro, mas isso não impede que ele escreva as suas poesias. São mais de 100 poemas nestes 10 anos em que verseja. O livro foi impresso com o apoio do Conselho de Cultura do Distrito Federal e do Fundo de Apoio à Arte e à Cultura (FAAC).



LAMENTO

A Editoria do DF Letras lamenta o falecimento da nossa grande dama do teatro brasileiro, Dulcina de Moraes, acontecido recentemente. Dulcina foi homenageada pelo DF Letras em sua edição de nºs 23/24, com a capa e uma matéria especial falando de sua obra maior, a Fundação Brasileira de Teatro, criada em Brasília, e do seu papel como modernizadora do teatro no País. Dulcina deixa saudades!!!

A Associação Nacional dos Escritores, presidida pelo escritor Danilo Gomes, entidade cultural pioneira em Brasília, inaugurou sua sede própria. Presidida inicialmente pelo romancista Cyro dos Anjos, a ANE foi fundada por iniciativa de outro escritor de Brasília, Almeida Fischer, ambos já falecidos.

IMORTAL

O jornalista e escritor de Brasília, Clovis Sena, membro da Academia de Letras de Brasília, pioneiro em nossa capital, ampliou a sua imortalidade. Ele acaba de tomar posse como membro da Academia Maranhense de Letras, uma das mais conceituadas do País. A indicação e eleição desse maranhense já radicado em Brasília nos enche de alegria. Parabéns, Seninha!



A Editora UnB acaba de lançar dois livros que vale a pena ter em nossas bibliotecas: "Amigos Traíçoeiros", de Thiago de Mello e Sérgio Bath, e "Poética Comparada", de Earl Miner. Os contatos para aquisição das obras devem ser feitos pelo telefone: (061) 226-6874 ou pelo telefax: 226-7043 ramal 31.

MAGU

O cantor, músico e escritor brasileiro Magu Cartabranca lançou no último dia 30 de novembro mais um livro de sua autoria. Prefaciado pelos jornalistas Alexandre Garcia, J.B. Lemos e pelo presidente do Sindicato dos Policiais Federais, Fernando Honorato, o livro, intitulado "O Cantor e o Som Imaginário", é uma coletânea de frases, poesias, filosofias, profecias e políticas para um mundo melhor, segundo definição do próprio autor.

Lançamentos

O escritor brasileiro, Luiz Manziolillo, hoje radicado na cidade americana de Miami, lançou duas publicações na XV Feira do Livro de Brasília, realizada entre os dias 25 de outubro e 3 de novembro, no Parque de Exposições da cidade. Os livros, um romance, "Pão de Barro", e o outro de contos e novela, "A Barca de Ceres", são editados pela Linha Gráfica Editora, dentro do projeto do Pólo Editorial, financiado pelo BNDES.

Infantil

A escritora Onã Silva e a ilustradora Silvana de Paula lançaram em outubro passado, na Escola-Parque da 308 Sul, em Brasília, o livro de literatura infantil "A Quadrinha de Gude". O livro foi editado graças ao patrocínio do Fundo de Apoio à Arte e Cultura (FAAC) e do apoio da Secretaria de Cultura e Esporte do Distrito Federal.



PILHÉRIA

Objeto do meu amor, passado
Quanto inda dói encontrar-te
Quanta inconformação ainda ao ver-te
Quanto sofri da dúvida e da amargura
A suspeitar se também sofreste.

Vejo que não, ao deparar tua consorte
Jovem, que te desfrutará mais do que eu
Tão certa do amor, que julga verdadeiro
Que me olha com desdém, como a dizer-me:
"Não vês que ele já te esqueceu?"

Nise

LAMENTO DE UM CEGO

Meu Deus, eu não enxergo
Eu só vejo a escuridão em minha frente.
Queria tanto ver as belezas do mundo.
Como será o rio ... a lua ...?
Ah! A lua, como deve ser bonita
As flores... As paisagens.
Que dizem, encantadoras!
Eu queria ver a pureza e a meiguice.
No sorriso das crianças.
Os pássaros, pela beleza de seu canto,
Devem ser encantadores,
Com asas coloridas voando sem fronteiras.
Ah! Meu Deus...
Eu não pude ver o olhar de minha mãe
Quando ela disse adeus ao mundo.
Inanimada, eu bejei emocionado,
A sua face angelical,
Que tinha cheiro de bondade.
Procurei a luz dos seus olhos...
O sorriso dos seus lábios...
E não pude vê-los. Então, chorei.
Eu queria tanto ver o mundo!...
Mas... Não! Não quero mais, não quero ver.
Dizem que por aí há tanta coisa feia...
Não. Eu não quero ver os fantasmas do ódio,
Os monstros da maldade e da ambição.
As feras da falsidade... do desamor.
A hipocrisia que atormenta sensibilidades.
Não quero ver. Prefiro a escuridão.
Quero passar perto das coisas feias, sem vê-las.
Que meus olhos não enxerguem perto,
Mas busquem longe,
A luz de Deus,
Na imensidão dos céus.

Newton Rossi

TEATRO DE REVISTA

Cultura: busca furtiva,
cena obscena
aos olhos sem lágrimas,
sentimento em desuso
na selva parálitica,
no concreto armado
do cimento da História...
Terra de ninguém.

Um risco, ou um rabisco?
Uma cena na praça
"Ponto de Encontro"
do "Ovo Indez"...
Aqui chocam-se sonhos,
põe-se a noite no vazio
da escuridão da alma limpa...
A vida não tem bolso
para guardar verso e prosa.

Há muitas bocas para o pão,
mas o pão é palco
das esperanças da cidade!
Cultura não morre de esmola,
morre da voz que se cala!

Ei, seu moço!
Tira essa gravata,
faça dela um verso,
um poema,
uma cena...
A gravata apenas aperta
sua garganta vazia...
Mas, e a poesia?
Traduz liberdade universal,
transcende a matéria
Onde explodem-se
o tudo e o nada.

A revista revela os fatos.
Mas, se abstratos,
não ficam extratos no tempo.
Ficam detritos ao vento
para o teatro encenar
o negro da noite
no osso da morte
dos ideais.

Na esperança do mundo
o Homem se fez...
Foi anunciado por três reis!
E nós temos
um teatro e uma praça,
uma cena a ser escrita
sem "lavar-se as mãos"
no "DF Letras"!

J. Simões